



2010000881

Diálogos e reflexões
com educadores:

A instituição cultural
como potencialidade na
formação docente

ANEXOS

BIA

T/UNESP
707
072d
anexo 1

ERICK ORLOSKI

São Paulo - 2005

Integra a tese
T/UNESP
707
072d

Entrevista com Andréa Amaral
Professora universitária - arte
Data: 23 de outubro de 2004

Erick: Qual o seu nome?

Andrea: Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella.

Erick: Qual a sua formação (acadêmica e outras)?

Andrea: Eu sou bacharel e licenciada em educação artística, artes plásticas, pela Unicamp, me formei em 1994. Depois eu fiz especialização, *Estudo de Museus de Arte* no MAC da USP, em 1996 e 1997, eu não desenvolvi a monografia, mas eu cursei o curso todo, cheguei até a fazer estágio no Museu Lasar Segall e é uma referência na minha formação. Depois eu fiz especialização, *Monitoria em Artes*, na USP também em 2000 e, invertendo um pouquinho, em 1999 eu fiz a especialização do NACE, *Ensino, Arte e Cultura*. E de mais... enfim, eu frequento diversos cursos em instituições culturais, museus, na área de museologia, artes plásticas e arte-educação. Tenho frequentado vários.

Erick: Algum outro que você gostaria de comentar?

Andrea: Bem, eu tenho sentido muita falta atualmente na formação... na área pedagógica. Então eu estou atualmente inclusive fazendo um curso na PUC, de extensão universitária, agora o nome... são reflexões... desculpa, *Revisitando as teorias de ensino-aprendizagem*. Então agora este é meu interesse específico e quero começar a fazer outras coisas nessa área também, em termos de formação.

Erick: Descreva brevemente seu histórico profissional.

Andrea: Bem, logo que eu me formei, eu comecei a atuar como professora da rede pública estadual e também como assistente de um professor da faculdade, que trabalhava com cinema de animação, então eu fiz várias oficinas paralelas ao ensino formal. Depois eu trabalhei numa escola particular, por quatro anos e foi levando os alunos a visitarem as exposições que eu senti a diferença na eficácia da ação educativa destas instituições. Isto me fez ter interesse pela ação educativa então não-formal, foi quando eu fui buscar os cursos de especialização. Neste meio tempo, eu sempre continuei dando aula. Minha primeira oportunidade de trabalho nesta área foi em 2000, na *Mostra Brasil + 500*, no mesmo ano eu trabalhei também como monitora na Galeria do Sesi, uma exposição do MAC sobre arte contemporânea e também continuei dando aula... Minto, desculpa, até 1999 eu dei aula, 2000 as minhas experiências foram no ensino não-formal. Em 2000, eu voltei a lecionar, na escola, trabalhei no Sesi, no centro de Osasco e também fui chamada para integrar a equipe do educativo do Itaú Cultural. Foi onde eu fiquei até setembro de 2003. Neste intervalo então, dando aula no Sesi e trabalhando no Itaú Cultural, eu fui chamada para lecionar nas Faculdades Integradas de Guarulhos, por questão de carga horária eu tive que desistir das aulas no Sesi, foi quando eu entrei então no ensino superior e... atualmente... me desliguei do Itaú a um ano e estou na ONG. Depois você recupera que está uma bagunça (risos). O raciocínio está assim...

Erick: Qual disciplina ou em que área você leciona? Em qual Instituição? Para qual faixa etária e/ou público?

Andrea: Eu leciono *Prática de ensino* e *Didática* no curso de Educação Artística, Artes Visuais, das Faculdades Integradas de Guarulhos e atualmente sou educadora-coordenadora da Oficina-escola da ONG Associação Minha Rua Minha Casa, que trabalha com uma população adulta, moradora de rua do centro de São Paulo.

Erick: Como tomou contato com o projeto *Diálogos e Reflexões com Educadores*, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo?

Andrea: Olha, exatamente eu vou te dizer que eu não lembro, porque eu comecei a frequentar em 2002... minto... você está dizendo sobre o *Diálogos e Reflexões*, então foi aqui no próprio instituto.



Porque em 2002 eu participei do encontro para professores a partir da exposição da *Coleção Fadel*, na época, no Itaú, nós tínhamos acesso às ações educativas das várias instituições e eu sempre freqüentei, na medida do possível, todos. Então da *Coleção Fadel* eu tive o contato com o trabalho aqui do CCBB e passei a freqüentar então no ano seguinte os *Diálogos e Reflexões*.

Erick: Você teve a oportunidade de participar dos cinco (05) diferentes encontros do projeto no ano de 2003? O que movia o seu interesse para freqüentar? Caso não tenha participado de todos, qual o motivo?

Andrea: Bem eu participei dos três últimos encontros... eu trabalhava na época no Itaú Cultural e trabalhava inclusive aos sábados, então às vezes a escala não permitia que participasse dos encontros. O que move o interesse é por que eu acredito que a gente sempre tem que estar em contato com estas atividades, porque elas são... uma ponte, entre a exposição, diálogo do curador... e as possibilidades de trabalho em sala de aula, então elas fornecem ferramentas para gente pensar essa possibilidade de trabalho... é um meio da gente estar em contato, principalmente pelas exposições aqui do CCBB, com a arte contemporânea, que é uma coisa que me interessa muito. Claro que não todas são de arte contemporânea, mas enfim... é... grande parte e é muito importante isto. E o que move é o meu interesse por estar sempre buscando... formação, a gente aprende sempre sobre um artista que a gente houve falar, às vezes também não conhece, aprende a pensar junto estas estratégias de trabalho em sala de aula e isso sempre me interessou, então eu sempre quando posso freqüento mesmo.

Erick: Você veio aos encontros sozinha ou acompanhando de um(a) ou mais colega(s) de profissão?

Andrea: Eu sempre venho sozinha. Na *Coleção Fadel* eu vim com uns colegas do Itaú Cultural, posteriormente passei a freqüentar sozinha.

Erick: Eram todos colegas de trabalho?

Andrea: Sim. Eram parte da equipe da ação educativa, do Itaú Cultural, em 2002.

Erick: Isto possibilitou conversas, trocas e ressonâncias em seus trabalhos?

Andrea: Sim, porque sempre no retorno à instituição, nós tínhamos uma reunião, inclusive para divulgar aos que não tinham comparecido, como havia sido o encontro, apresentávamos o material, as propostas, as estratégias e discutíamos. Até porque o objetivo na época era estar... vendo outras experiências para pensar a nossa própria ação na instituição, quando fazíamos encontros pra professores, dos quais no Itaú em particular eu participei do preparo e da aplicação de todos, como palestrante, então... ou de quase todos, assim, raros eu não participei ... e... como palestrante, da concepção a gente sempre participava. Então era... motivo de estudo mesmo. Os materiais educativos, como também nós produzíamos, nós procurávamos observar, agora eu não conseguiria pontuar em que medida essas ações em específico auxiliaram nossa formação, no caso foi em 2002, mas certamente nós comparávamos com os de outras instituições e sempre ajudava a refletir sobre o próprio trabalho.

Erick: Como você avalia criticamente o projeto?

1 - Como educadora participante;

Andrea: O que eu senti em 2003, foi uma diferença enquanto a ação de alguns educadores, principalmente nas visitas orientadas na exposição, e eu acredito que seja por conta de não se ter uma equipe fixa... isso eu sinto até por ter trabalhado em outras exposições. Então às vezes eu sentia uma distância entre o discurso da palestra e ação no espaço, porém eu não senti mais isto em 2004, então eu acho que comparando seria interessante apontar. Tem um mínimo, uma mínima crítica assim em relação ao horário, porque sempre se a gente começa mais tarde acaba mais tarde e é... sempre é desgastante, enfim, então era bacana acabar um pouco antes... acho que só.

Erick: 2 - Com relação à dinâmica dos encontros;



Andrea: É... eu gosto muito, porque eu sinto estes três momentos, então de uma apresentação, depois da visita e atividade de oficina. Eu acho que ela é ideal, completa, você ter uma apresentação inicial, porque não é um curso para um outro público, onde você pudesse talvez estabelecer relações com conteúdos diretamente só na exposição. Bem, então como é um programa, eu vejo, de formação continuada de professores, eu acho excelente você apontar algumas questões, algumas informações mesmo sobre o artista ou o contexto no auditório, para depois se fazer a visita. Eu acho que isto otimiza o tempo de conhecimento ou de relações de algumas obras, não é um espaço, é o espaço que permite também a fruição e interpretação, mas ele é também de formação. Então eu acho que isto está muito bem dosado, eu gosto muito. As oficinas eu sou suspeita, porque eu admiro muito as oficinas aqui do CCBB e é o que tem me... não feito voltar, porque eu viria participar dos encontros de qualquer forma, acho que é importante a gente estar vendo o que está sendo feito, mas é o que mais me estimula e eu venho com prazer. Eu acho que as oficinas, elas... pegam pontos-chave de cada artista e elas não tem uma linha única e esta flexibilidade eu acho que enriquece o trabalho e isto eu percebi como um diferencial da ação aqui de vocês.

Erick: 3 - Com relação aos conteúdos trabalhados e a interlocução com as exposições;

Andrea: Ah... eu vejo que eles se complementam e principalmente em termos de planejamento. Porque eu disse isto: porque eu senti em 2003, agora está um pouco diferente mas eu senti, como eu já coloquei, que às vezes... a visita, ela não atendia ao que era proposto e aí eu acredito mesmo por uma questão de não se ter uma equipe fixa na instituição. Então eu acho que o problema é outro... se você tem uma equipe que você está formando o tempo todo, questões de estratégia ou mesmo de abordagem, quando ela exercita várias vezes ela tem mais condições de lidar com essas estratégias em outras situações. Às vezes uma pessoa que não tem a mesma experiência não vai desenvolver realmente e, num outro momento, eu lembro que eu senti em algumas, que as questões às vezes ficavam um pouco mais fechadas, não tão abertas. Ou, teve uma visita também, que eu senti que ela foi muito aberta, não se amarravam algumas questões-chave sobre as obras, isto lembrando um pouquinho de 2003 mesmo, certamente é uma questão que este ano, eu frequentei quase todos os cursos e eu sinto que ela já foi sanada. Então é isto, eu sentia às vezes um distanciamento entre a apresentação da palestra ou mesmo os conteúdos chaves e o que isto poderia ter sido explorado no espaço expositivo... às vezes abrindo demais, às vezes fechando demais também, eu acho que faltou um pouco medir em alguns casos.

Erick: 4 - Com relação ao material gráfico oferecido, incluindo conteúdo e formato;

Andrea: Em 2003 eu senti, eu gostei muito particularmente do material, porque eu acho que ele tinha questões e problematizações fundamentais, importantíssimas. Mas eu sentia que faltava um pouco de conteúdo, de informação mesmo, porque o professor, ele não tem muito tempo para preparar isto, às vezes, pra pesquisar, então na medida em que vocês pudessem disponibilizar isto de uma forma mais estruturada, mesmo que brevemente, um texto de referência para o professor, ajudaria a ele estar até... podendo articular melhor aquelas questões, tendo condições de conhecer um pouco mais o artista, o contexto, para as questões realmente serem bem conduzidas, porque às vezes eu sentia que a questão era muito interessante, mas podia ser que a pessoa não soubesse conduzir, por falta de informação. Porém, o material, eu achava que então assim, não que ele fosse inútil, mas que ele precisaria ser complementado, porque as estratégias que ele trazia e as atividades eram muito legais, muito... no sentido, não... legal é uma palavra complicada, mas eram muito flexíveis e ricos, eu já falei um pouco disso, desta flexibilidade das oficinas, eu acho, eu sentia que esta flexibilidade também existia nos materiais, de estar pegando pontos-chave e importantes de cada exposição e estar potencializando, então faltava eu acreditar que um complemento, com um pouco mais de informações e imagens para serem trabalhadas em sala de aula.

Erick: Algum comentário?



Andrea: Bem, acredito que eu já tenha apontado na primeira questão, comentários gerais... Não.

Erick: Tendo em vista o próprio nome do projeto, quais os diálogos e reflexões os encontros provocaram, ampliaram e ou potencializaram em você?

Andrea: Olha, particularmente, o que mais me marcou... aí eu entraria acho que nas reflexões, foram as ações desenvolvidas nas oficinas, porque eu acho que, eu tenho uma dificuldade muito grande em não ser cartesiana. Eu vejo as possibilidades de trabalho, embora tenha criado atividades já para várias situações, eu vejo, eu me acho, me considero um pouco... quadrada, se eu poderia dizer assim, quanto aos procedimentos envolvidos nas atividades práticas. E eu acho que a experiência que eu passei aqui no CCBB, em 2003, pelas atividades desenvolvidas pelo *arteducação*, foram fundamentais para eu começar a ver outras possibilidades de trabalho a partir das obras, que não é sempre o fazer prático, mas é o fazer reflexivo e isso me marcou muito. Então *Ordenação e vertigem*, por exemplo, eu fiquei encantada com a atividade do ateliê, daquela questão das malas, do que teria dentro, então você permitia a compreensão do processo de trabalho do artista não através de um produto, mas de uma ação que o aproxime do próprio processo do artista. Então a prática nem sempre precisa ser... plástica, mas sim reflexiva, envolvendo procedimentos até materiais ou não, isso eu achei fundamental na minha formação.

Erick: Em função da experiência vivida nos encontros de 2003:

1 - Qual foi o reflexo direto em seu trabalho em sala de aula?

Andrea: Esta é uma questão interessante porque, nem sempre, eu vejo que o professor pode trabalhar aquele conteúdo naquele momento. Então se pode trazer o grupo, ela acaba se apropriando do material e tudo mais. Se ele não vai trazer o grupo, por diversas razões, é um material que ele é autônomo e que o professor vai estar usando num outro momento. Então, eu vejo que foi um reflexo direto na minha formação. Eu, pela experiência anterior, como educadora no Itaú Cultural, onde também ajudava no preparo de materiais educativos e de encontros para professores, eu passei a aplicar na disciplina que eu leciono *Prática de Ensino*, de uma outra forma, essa análise dos materiais educativos das instituições, mas comparando aos livros didáticos, aos para-didáticos que nós já fazíamos. E também... só um pouquinho... acho que eu estou meio confusa agora...

Erick: Acho que isto já entra na próxima questão: 2 - Fez uso e/ou adaptação e/ou recriação do material oferecido (incluindo conteúdo e imagens)? Desenvolveu um ou mais projetos em sala de aula?

Andrea: É interessante, porque a partir de um exercício feito dos materiais recebidos, eu passei a pensar posteriormente, a aplicar... uma... análise crítica dos materiais, e o de vocês foi uma referência muito grande para o meu trabalho, onde os alunos tinham que passar, como eram alunos... futuros professores, eles tinham que elaborar os próprios materiais educativos. Então, a estrutura do material, no sentido de... possuir questões que fizessem aquela ponte entre o artista, os procedimentos e o contexto em geral, aproximando o universo da arte da realidade, não só daquele momento mas também atual, isso me marcou muito. E nesse material que eles elaboram a partir de artistas contemporâneos brasileiros, eles têm que em um ou outro momento utilizar um pouco da estrutura do material de vocês, que são estas questões... chaves sobre... esse universo todo da... que envolve a arte, não só a partir de elementos específicos da própria arte. Isso eu observei no material de vocês.

Erick: 3 - Julga que ocorreram mudanças na sua maneira de enxergar a arte e seu ensino?

Andrea: Sim. O que mais me marcou nas ações que eu acompanhei por essas exposições, como eu já disse anteriormente, foram as atividades em ateliê. E eu acredito que... esse vivenciar procedimentos da arte é fundamental para a compreensão, para todos, embora também se acredite que não se aprenda só vivenciando, mas eu acredito que isso facilite muito e pela maioria da faixa etária com a qual a gente trabalha, geralmente são crianças e adolescentes... e no caso dos



professores, não só de eu propiciar para eles, na faculdade também, com que eles experimentem algo que eles vão estar passando para essas crianças e adolescentes, eu acho que a vivência me marcou muito e a diversidade, a flexibilidade destas atividades eu achei fundamental na minha formação sim. Eu acho que complementa aquela visão que eu falei que eu não tinha, porque eu sabia que eu tinha que fazer, mas eu não sabia como. E vivenciar esses "comos" tão diferentes realmente ter um olhar mais flexível, aberto às possibilidades de trabalho e de forma alguma eles foram receitas, porque observando essa diversidade eu pude me dar conta de novas possibilidades concretas de trabalho, porque como eu disse, na teoria a gente sabe, mas chega na prática a gente vai por onde a gente conhece mais, se sente mais seguro. Então, *Ordenação e vertigem*, eu volto a repetir, me marcou muito... por entender... por ver como uma atividade, mesmo... que envolvesse procedimentos... práticos, poderia estar levando à reflexão. Então, passar por esta experiência, realmente, foi um divisor de águas assim na minha formação, achei muito importante.

Erick: Você voltou a procurar o projeto no ano de 2004? Por que?

Andrea: Voltei... ah... bem, motivos: motivação pelo trabalho, que eu acredito que tenha sido muito bom, por aquela marca que foram as oficinas... e pelas questões que o material educativo apresentava; e por motivos pessoais, eu procuro fazer, na medida do possível, todos os encontros que eu posso, porque eu acredito que a gente tem grandes oportunidades de estar conhecendo possibilidades de trabalho novas, artistas novos, então eu acredito que ir a exposições e participar das ações educativas seja algo assim, para sempre, a gente tem sempre que estar buscando essa formação.

Erick: Algum comentário final?

Andrea: Bem, eu deixei de apontar, quando eu ressalto o material de 2003 quanto às questões que ele trás, eu lembro que um deles, também do *Ordenação e vertigem*, tinha parece que um mini-glossário com alguns termos de arte contemporânea. Então não que eles não tivessem informações e conteúdos importantes, eles também tinham, então a crítica que fiz quanto ao material era nesse sentido de aprofundar um pouco mais, para organizar um pouco essa pesquisa que o professor muitas vezes não tem tempo de fazer. Claro que ele deve fazer, ele deve ter condições de se apropriar do material e ir além, mas eu acreditei que talvez apontando uma forma de escrever... interessante, fosse até meio de ele ver como partir de um livro, de um texto de um crítico, para um texto adequado à realidade dele em sala de aula, que este material poderia deixar isso um pouco mais claro. E para aqueles momentos de *corre-corre* mesmo, para que ele pudesse se apoiar diretamente no material, até porque muitas vezes ele não conhece o artista, é um primeiro contato, para daí ele pudesse aprofundar a pesquisa com o tempo, isso leva um tempo para ir sendo aprofundado. Hum... e é isso.

Erick: Algo mais?

Andrea: Acredito que não. Muito obrigada. Agradeço o seu interesse (risos)... em conversar comigo. Só isso.

Erick: E eu agradeço você a participação, Andrea.

Entrevista com Oriovaldo Campos**Professor de história****Data: 04 de dezembro de 2004****Erick:** Qual o seu nome?**Oriovaldo:** Oriovaldo Campos Mello Martins Pinto.**Erick:** Qual a sua formação (acadêmica e outras)?

Oriovaldo: Bom, eu sou bacharel e licenciado em história, pela PUC de São Paulo, onde fiz o curso de bacharelado de 85 a 88 e licenciatura em 89. Fiquei um tempo parado, cuidando de filhos e outros afazeres e, como sempre gostei de estudar, chegou uma hora que eu senti necessidade de voltar. E fui fazer pedagogia, como trabalho em educação, eu sou professor da prefeitura de São Paulo, eu fui fazer pedagogia também na PUC de 94 a 97.

Erick: Algum outro curso ou alguma outra formação complementar que você gostaria de comentar?

Oriovaldo: Bem, eu faço muitos cursos paralelos, embora eu seja professor de história, eu priorizo muito artes visuais e música, eu tenho feito muitos cursos em artes visuais e música, no Centro Cultural São Paulo, no Centro Cultural Banco da Brasil, no Instituto Itaú Cultural, sempre de modo que sempre que eu posso eu estou fazendo alguma coisa na área de história da música e de história da arte.

Erick: Descreva brevemente seu histórico profissional.

Oriovaldo: Bem, eu, quando estava fazendo cursinho para a faculdade eu já queria trabalhar com alguma coisa que não fosse convencional da minha época. Eu tenho quarenta anos de idade, na minha época o convencional com dezoito dezenove anos de idade era você... uma pessoa que tivesse uma formação mínima de ensino médio ou primeiro ano de um curso superior, a formação básica da minha geração era trabalhar em banco. E eu sempre quis fugir disto. Eu tive, comecei a trabalhar com quinze anos de idade, dos quinze aos dezoito anos eu trabalhei numa gráfica, e numa gráfica que tinha os seus olhos voltados para artes gráficas na verdadeira acepção do termo, que ela trabalhava com gigantografia. Era na época a gráfica que detinha oitenta por cento do mercado de outdoor, então o fazer gráfico era muito mais artístico, mexia, lidava com publicidade, com propaganda, do que a gráfica como se conhece, a tipografia, ou mesmo a gráfica que trabalha com fotolito, mas que é uma coisa menos artística, uma coisa mais... mais comercial. E não, outdoor, você sabe que o outdoor no Brasil teve um desenvolvimento muito grande, o Brasil... a área de comunicação, a área de propaganda de uma maneira geral, o Brasil está na ponta. Depois da gráfica onde eu trabalhei três anos eu fui trabalhar num museu, trabalhei na Fundação Maria Luiza e Oscar Americano, que é uma fundação particular que existe desde 1980, aberta ao público desde 1980, que foi feita por Oscar Americano, que foi proprietário da Companhia Brasileira de Projetos e Obras, que uma das grandes empresas de engenharia pesada de construção civil no Brasil, que hoje pertence a Odebrecht. E o doutor Oscar Americano fez esta fundação baseada nas fundações californianas, de grandes milionários deixarem legados para sociedade, evidentemente utilizando esta fundação para abater imposto de renda e para fazer filantropia de uma maneira geral. Lá eu trabalhei de 84 a 87, a Fundação Oscar Americano é um museu que inicialmente a coleção particular da família Oscar Americano; Franz Post, tem oito Franz Post, é a maior coleção privada de Franz Post do mundo; arte contemporânea brasileira, Portinari, Di Cavalcanti, Segall, Guignard, Bruno George, Brecheret...; móveis coloniais, século XVII e XVIII, Dom José I e Dom João V; e quando eles montaram a coleção eles perceberam que havia pouco de Brasil Império e aí começaram a comprar, começaram a comprar e hoje é a maior instituição privada com arte imperial. Para fechar, então eu, antes de entrar na universidade, eu já tinha, eu já estava no metiê. Aí eu comecei a fazer história, depois fui trabalhar no Arquivo Histórico Municipal, eu prestei um concurso para prefeitura e passei, eu podia escolher,

passsei bem, podia escolher qualquer órgão da prefeitura, eu escolhi o Arquivo Histórico Municipal, lá eu trabalhei dois anos com pesquisa, em história das ruas de São Paulo, também com manuscritos e depois eu me formei, houve um concurso para prefeitura, passei e assumi na prefeitura. Então, basicamente, desde quinze anos que eu tenho, estou trabalhando com a mídia, com o universo da mídia, com o universo ... por isso talvez, embora eu seja de formação em história, eu tenho... me atrai, me agrada, me excita, me estimula o mundo imagético, o mundo da mídia, o mundo da... enfim, das imagens.

Erick: Esta função na Fundação Oscar Americano, era uma função de educador ou uma função técnica? Qual era?

Oriovaldo: Eu era monitor, eu era monitor de museu. Era uma função de educador, era uma aula, a única diferença com a escola convencional era que os alunos podiam ter de cinco a noventa anos, podiam ser como acontecia comumente, o jardineiro do Palácio dos Bandeirantes ou até o Yuri Grigorovich, diretor do Bolshoi, que eu cheguei a guiar, ou muitos nobres europeus, muitos Orleans de Bragança, que sabiam que a fundação um grande acervo imperial, eles iam lá bastante a miúdo... Ou embaixadores, professores universitários, grupos de terceira idade, porque a fundação é um museu muito bonito, tem um parque maravilhoso, com mata nativa, mata atlântica nativa, então as pessoas iam também para, além do lado cultural, o lado do verde e realmente é um parque muito bonito, com 75000 m², dentro de São Paulo é coisa rara, né?!

Erick: Qual disciplina ou em que área você leciona? Em qual Instituição? Para qual faixa etária e/ou público?

Oriovaldo: Eu sou professor titular de história, o que significa dizer que, como é uma escola da prefeitura e a prefeitura prioriza escolas de ensino fundamental, o que significa dizer que eu sou professor da antiga quinta série à oitava série, de dez anos a quatorze, quinze anos. Eu sou professor de história, mas estou afastado da sala de aula, trabalhando em sala de leitura, que é um trabalho também extremamente interessante porque você pode até ampliar o trabalho com os alunos. Eu trabalho numa escola, no bairro do Sumaré, Escola Municipal de Ensino Fundamental Tenente José Maria Pinto Duarte.

Erick: Oriovaldo, eu gostaria que você comentasse um pouco mais sobre a experiência no museu.

Oriovaldo: O fato de ter trabalhado na Fundação Oscar Americano, o que eu vou falar agora é uma coisa muito pessoal, mas teve muita importância na minha formação, não só profissional, intelectual, mas no lidar com o ser humano. Eu aprendi a ter um discurso... palatável, inteligível, de mão... de duas mãos, de mão a contramão, desde, como eu já afirmei, desde o porteiro, desde o Jardineiro do Palácio dos Bandeirantes, que é uma pessoa humilde mas que tem uma riqueza cultural enorme, um homem do campo, um homem que conversa com as plantas, um homem que entende o universo do reino vegetal, até um embaixador, que é trilingüe, com uma cultura vastíssima. E eu tinha, eu sabia passar, eu aprendia a passar o recado, as informações sobre as obras que estavam no museu para estes dois opostos e eu acho que isto foi importante para a minha formação como ser humano, em saber dar atenção ou saber ser... cirúrgico, quer dizer, me fazer entender para uma gama de pessoas muito grande. Porque o cidadão entrava no museu, a minha função era fazer com que ele saísse dali mais rico, intelectualmente, com mais prazer do que quando ele entrou. Então, a minha função era chamar a atenção para ele, por exemplo, do Pau Brasil, do que era o Pau Brasil, porque nós temos Pau Brasil lá e não é muda, é com vinte metros de altura. Mostrar para ele... como os nobres comiam, como eram os serviços de porcelana, como era o tamanho de uma escova de dente do imperador ou... como os nobres eram retratados, sempre melhorados, pelos seus pintores... ou, como era a letra do imperador ou como é um trabalho contemporâneo do Portinari... ou como uma família em ascensão da classe média alta da década de cinquenta do século XX morava lá. Isto foi muito

importante, um museu que recebia gente do mundo inteiro e das mais variadas classes sociais. Acho que foi muito importante para minha formação, como ser humano.

Erick: Como tomou contato com o projeto Diálogos e Reflexões com Educadores, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo?

Oriovaldo: Eu já freqüentava o CCBB desde que ele foi inaugurado, vinha às exposições, até porque ele é extremamente bem localizado e gente está sempre passando perto dele, mesmo que São Paulo seja uma cidade que tem tantas atividades culturais simultaneamente. Mas por ser professor da prefeitura, eu tomei contato através do Diário Oficial que havia o projeto e realmente me inscrevi e comecei a freqüentar em 2003, nunca faltei a um encontro e em 2004 renovei a minha inscrição e pretendo fazer em 2005 também.

Erick: Você teve a oportunidade de participar dos cinco (05) diferentes encontros do projeto no ano de 2003? O que movia o seu interesse para freqüentar? Caso não tenha participado de todos, qual o motivo?

Oriovaldo: Como eu falei, nunca faltei em nenhum. E era curioso que eu, de maneira alguma deixava de faltar, mesmo que tivesse um compromisso eu declinava do convite, dizendo: "não, amanhã eu tenho um encontro com os educadores do CCBB". Eu acho que o primeiro, claro, se o primeiro não é bom, se você não gosta, se acontece alguma coisa, você fica um pouco desestimulado, mas era sempre um convite, parecia o capítulo de sábado da novela das oito, deixava sempre alguma coisa para segunda-feira. Era sempre um convite a voltar, pela qualidade das exposições, pelo nível dos colegas, também isto é importante, você vai a um curso que o nível é muito fraco, não há muito debate, não há muita interação, você acaba se aquietando e se desestimulando. Pelo nível do debate, pelo nível dos monitores, dos debatedores, realmente era sempre um convite à volta.

Erick: Você veio aos encontros sozinho ou acompanhando de um(a) ou mais colega(s) de profissão?

Oriovaldo: Ao primeiro encontro, "Pele, alma", eu vim acompanhado com uma arte-educadora, que na época era minha companheira e os debates foram muito bons, quando chegamos em casa, foi muito saudável. A partir do segundo eu vim sozinho, todos os outros quatro de 2003 eu vim sozinho e todos os de 2004 em também vim sozinho

Erick: Com esta arte-educadora, isto possibilitou conversas, trocas e ressonâncias em seus trabalhos?

Oriovaldo: Sim, embora ela seja uma excelente arte-educadora, trabalha numa escola de educação infantil com ênfase em arte-educação, inclusive alguns dos alunos da escola são crianças, por exemplo, os netos da Ruth Rocha, os filhos do Daniel Sinise(?)... é uma escola na Água Branca, próximo ao Shopping West Plaza e o histórico, é uma escola muito importante, muito procurada por artistas, músicos,... Embora seja uma pessoa excepcional ela nunca fez nenhum curso, por falta de estímulo, não sei bem o quê, mas é uma pessoa muito intelectualizada, muito comprometida, embora não tenha, lê muito, mas não participa destes... ela ficou realmente encantada com a dinâmica, com o nível e, realmente, seguramente enriqueceu muito o universo dela o curso. Para mim foi muito interessante porque, reitero, embora eu goste muito de arte, a minha formação não é arte, a minha formação é em história e sempre você bater um papo, trocar figurinha com alguém que tenha visto, participado do mesmo encontro que você, mas em sendo arte-educador, você tem o filtro, você tem a ótica, a visão de um arte-educador, eu de historiógrafo e a outra pessoa, no caso ela, de arte-educadora, isto é importante.

Erick: Como você avalia criticamente o projeto?

1 - Como educador participante;

Oriovaldo: Eu acho que foi, todos os encontros, tanto os 2003 como os de 2004 foram excepcionais. Eu, sempre... a prova disto é que eu voltei. Eu gosto muito de fazer curso, eu gosto muito de enriquecer os meus conhecimentos, eu gosto muito de ter contato com seres humanos, mas se eu



percebo que não está me enriquecendo, eu não volto, eu realmente vou procurar fazer outras coisas, meu tempo é curto e, como eu já falei, São Paulo é uma cidade que oferece muita coisa. Se eu voltei e já pelo segundo ano, a caminho do terceiro é que realmente me enriqueceu. E não me enriqueceu pouco, porque se tivesse enriquecido pouco eu teria ido ao cinema, que também iria me enriquecer, teria ido ao Theatro Municipal, à Sala São Paulo, ao Centro Cultural São Paulo... E a prova de que não me enriqueceu é que eu continuo vindo e continuo tendo outras atividades. Houve sábados em que eu vim aqui à tarde e fui de manhã, por exemplo, na Pinacoteca fazer curso ou vim aqui de manhã e fui à tarde no Centro Cultural São Paulo fazer curso, de modo que se eu estou vindo a caminho do terceiro ano, realmente, é porque me enriqueceu e não me enriqueceu pouco. Eu sou muito exigente em relação a isso, se eu acho que não está valendo a pena, eu me afasto e vou procurar outras coisas.

Erick: 2 - Com relação à dinâmica dos encontros;

Oriovaldo: Em relação à dinâmica, eu achei interessante porque cada encontro teve a sua marca registrada. Não houve um encontro igual ao outro. Em alguns houve mais ênfase ao trabalho educativo, em outros houve mais ênfase à exposição propriamente dita, em outros houve mais ênfase em relação à explanação do educador que estava aqui na frente, em outros houve mais ênfase à informações visuais com slides, com retro-projetor, em outro em interação, em outro houve produções coletivas de obras de arte ou impressões que foram colocadas numa folha de papel e depois forma colocadas no retro-projetor e foram socializadas... Enfim, cada encontro teve a sua identidade própria e se você analisar na história dos encontros, eles acabam se complementando. Eu costumo dizer, que eu falo sempre, para Rejane, eu já falei acho que para você também, os encontros de uma maneira geral foram tão interessantes, mexeram tanto comigo, que eles conseguiram mexer tanto do ponto de vista, na minha formação intelectual e... até na decoração da minha casa. Eu tenho uma pequena coleção de arte sacra, do séc. XVII ao séc. XIX, com ênfase me Imaculada Conceição e Cristo Crucificado. E eu tenho também uma máquina de costura, do final do séc. XIX, que pertenceu a minha bisavó. E eu participei de um encontro aqui, que foi "Ordenação e vertigem", que uma das atividades, no caso, atividade do educativo, foi preencher gavetas, aleatoriamente, depois fazer... à luz da exposição, evidentemente, mas com vários materiais e depois fazer uma leitura. E eu tive um *insite*, nunca tinha pensado nisto, as gavetas da máquina de costura que eu tenho, que são riquíssimas, trabalhadas, são do final do XIX, um certo maneirismo... as gavetas da máquina de costura são muito trabalhadas, são pequenas, a primeira coisa que eu fiz quando cheguei em casa foi tirar as gavetas do lugar e ver a possibilidade de transformá-las em nichos religiosos. Coloquei algumas, nem todas couberam, mas algumas imagens do séc XVIII, XVII e XIX, e está lá até hoje em casa, quer dizer, um curso que eu fiz mexeu tanto comigo que mexeu até com a decoração da minha casa, uma coisa que eu nunca tinha pensado. Eu tinha gaveta lá, eu tinha a arte sacra lá, mas eu não tinha percebido uma coisa que eu só fui enxergar aqui, uma coisa simples, mas ao mesmo tempo complexa, com eu acho que é o interessante da vida, né?! As coisas mais simples são as mais complexas, quando você não consegue visualiza-las. Então eu costumo dizer que o curso mexeu tanto comigo que mexeu até com a decoração da minha casa.

Erick: 3 - Com relação aos conteúdos trabalhados e a interlocução com as exposições;

Oriovaldo: Bom, do ponto de vista conteudista, eu aprendi muito. Porque reitero, embora eu goste muito de arte, não é a minha formação. É evidente que alguns artistas eu até conhecia bem, é o caso até da Regina Silveira, com quem eu tenho amizade pessoal, mas alguns outros artista eu conhecia do senso comum ou de ler alguma coisa, mas nada profundamente. Realmente, não apenas o conteúdo, no que diz respeito a biografia do artista, mas as relações que ele estabeleceu com o seu tempo histórico, com as pessoas com as quais ele conviveu, com as quais ele manteve amizade ou uma vida... (pausa) Como eu estava falando, além de aprofundar nos conteúdos relativos à biografia



do artista, as relações que ele estabelecia no seu tempo histórico, com as pessoas com as quais ele manteve contato, enfim, inserindo historicamente e todo o tecido cultural que havia por baixo do artista propriamente dito.

Erick: 4 - Com relação ao material gráfico oferecido, incluindo conteúdo e formato;

Oriovaldo: Excepcional. Inclusive a mudança do suporte, inicialmente em papel, em formato de post card para o formato de transparência, muito mais interessante, até porque hoje me dia todas as escolas têm, como... aquales aparelhos de transparência, de retro-projetor... fantástico. Até porque você melhora o acesso ao maior número de pessoas, porque você projeta na parede, porque aqueles trabalhos que eram bons, mas inicialmente era o que vocês poderiam oferecer na época, né?! E realmente foi um insite muito interessante, porque você amplia o tamanho da obra e torna mais visível à distancia, o que facilita o trabalho de sala de aula.

Erick: É, não foi exatamente um insite nosso, foi uma solicitação dos professores participantes naquelas avaliações...

Oriovaldo: Que mostra que vocês estão abertos à diálogos com educadores (risos). Quando o educador pede alguma, na medida do possível, vocês atendem. Isto eu achei interessante também.

Erick: E do ponto de vista dos textos e do conjunto, dos textos e as imagens? Você tem alguma análise específica?

Oriovaldo: Também muito bons, porque... reitero, o fato de ser historiógrafo, sempre eu percebi uma preocupação de estar inserindo culturalmente, historicamente o artista, para dar um exemplo de 2004, a exposição em curso do Tàpies, além do texto falar do universo pictórico, artístico do Tàpies, também o universo histórico em que ele está inserido, a questão da Espanha, isto eu acho muito interessante, porque é um texto que dá conta, que abarca todo o universo do artista, não apenas do ponto de vista artístico, como ser humano, mas também do ponto de vista histórico, para inseri-lo, para que você possa compreendê-lo na sua plenitude, o artista.

Erick: Algum outro comentário sobre esta avaliação crítica do projeto?

Oriovaldo: É... mais o que posso falar em relação é que vocês estão de parabéns realmente, porque é um projeto exitoso, é um projeto que dá conta do recado, é um projeto que atende às necessidades do educador e o que é mais importante, cria um clima, cria uma atmosfera extremamente produtiva. Eu tenho observado o alto nível dos "Diálogos", é realmente um nível muito bom, muito bom. E eu tenho observado também que o número de pessoas, por exemplo, de arte-educação... de educação infantil, professores de... já vi até professor de educação física, professores de português, professores de história, quer dizer, é o ideal você participar de um encontro com educadores onde haja as várias opiniões. É importantíssimo você participar de um encontro de arte, onde haja um professor de educação infantil, porque arte você tem que trabalhar desde a mais tenra idade. Também é interessante que você trabalhe com um curso com professor de português, porque a arte, embora seja uma mídia visual, ela tem que ser decodificada, ela tem que ser... sobre ela, tem que se falar tendo como suporte, como base a língua. Então, do ponto de vista de história, você tem que contextualizar historicamente o artista, de modo que o que eu posso falar sobre o projeto é só tecer loas, tecer elogios.

Erick: Tendo em vista o próprio nome do projeto, quais os diálogos e reflexões os encontros provocaram, ampliaram e ou potencializaram em você?

Oriovaldo: Bem, em relação aos "Diálogos", eu acho que o mérito de vocês foi o diálogo começar aqui, nesta sala, com você, com a Rejane, enfim, com quem tocou a bola, continuar na exposição, eu acho que chegando em casa, continuar o diálogo, eu dei o exemplo de eu dialogar com a decoração da minha casa e a decoração da minha casa não é pouco, porque a minha casa não é... eu não coloco um quadro para combinar com o sofá, a minha casa é o meu lar, a minha casa é o segundo útero meu, quer dizer, não é pouca coisa, decorar a minha casa é uma coisa muito importante. Até

porque eu gosto muito de arte, eu prezo muito o que eu coloco na minha parede, eu decoro a minha parede com a minha história de vida, as minhas relações, aquilo que eu produzo ao longo da vida, não sou artista, mas eu vou colocando as coisas na parede conforme... então, um diálogo até com minha forma de viver. E na escola ou chegando à escola ou passando para os meus colegas ou trabalhando em sala de leitura, que é o local onde eu trabalho, então o diálogo ele é constante, ele é pleno, desde o momento que eu chego aqui até, até sempre, porque eu estou sempre dialogando com as mais variadas instâncias. E as reflexões, eu acho que elas vêm a reboque, as reflexões acabam complementando o diálogo, as reflexões elas são a alma do diálogo, o diálogo seria a parte fonética e a reflexão a parte mental e a parte emocional. A reflexão sempre... refletindo sobre a importância da arte, a importância do ser humano em produzir cultura, a importância do ser humano em se identificar, individualmente e coletivamente, se inserir na...

(acabou a fita e foi trocado o lado para a continuidade da gravação)

... valorizando o patrimônio cultural, respeitando e valorizando as instituições culturais não-públicas, valorizando instituições como o CCBB que se preocupam em manter um espaço de produção cultural, um espaço expositivo, valorizando também a qualidade destes encontros, a qualidade das atividades que estas instituições oferecem à comunidade... É importante lembrar que estes encontros são gratuitos, são abertos à classe dos professores, dos educadores, de modo que, estas reflexões e esses diálogos são presentes, permanentes, são importantíssimos e elas, pode ter certeza que eles estão aí ainda ocorrendo, tanto os diálogos quanto as reflexões, por mais que os encontros já tenham ocorrido a uma semana, um mês, dois, três meses, eles estão sempre presentes. Sempre serão lembrados, sempre serão objeto de citação ou memória.

Erick: Em função da experiência vivida nos encontros de 2003:

1 - Qual foi o reflexo direto em seu trabalho em sala de aula? Se aconteceu...

Oriovaldo: Um que me chama muito a atenção é a questão da criatividade. Eu, evidente que tudo que ocorreu nos encontros, me marcaram profundamente. As informações novas que eu aprendi sobre os artistas, as relações que foram estabelecidas entre o artista e o espaço expositivo, a inserção do artista no universo histórico, mas a criatividade que estes encontros me trouxeram... Criatividade não se aprende na escola, eu acho, eu acho que a criatividade é uma coisa que você desenvolve ao longo da vida, observando, através do empirismo, através de conversas informais... Eu acho que a criatividade foi uma coisa que mexeu muito comigo neste encontros, porque eu sou muito atento, eu sou uma pessoa que está sempre observando muito, eu aprendo muito observando o outro. E às vezes você não enxerga alguma coisa que está embaixo dos seus olhos, embaixo de sua barba e você, às vezes um toque de um terceiro, de uma outra pessoa pode fazer com que você... Então, a criatividade que eu costumo, no caso específico da exposição "Ordenação e vertigem", o episódio da gaveta que fez com que alguma coisa se clareasse para mim, não foi apenas uma gaveta que se transformou num nicho, mas a possibilidade de você ver beleza ou ver poesia ou ver uma outra função num objeto que estava encostado lá na minha casa, por o qual eu tenho um carinho, tenho, enfim, saudosismo porque é um objeto antigo que pertenceu a minha bisavó, mas hoje ele vestiu uma outra roupagem. De um objeto que estava lá, com pouca função, ele adquiriu um status de obra de arte, não é apenas um nicho para uma arte sacra, mas é um nicho para um momento histórico, um momento de reflexão, parece que ali eu coloquei não apenas uma arte sacra, uma arte imaginária, mas a minha criatividade, os meus contatos, aquilo que eu aprendi, aquilo que eu absorvi de interessante nos encontros.

Erick: 2 - Fez uso e/ou adaptação e/ou recriação do material oferecido (incluindo conteúdo e imagens)? Desenvolveu um ou mais projetos em sala de aula?

Oriovaldo: Sim, na sala de leitura da nossa escola existe um "varal cultural" que vem desde a pré-história, a gente trabalha com música, colocamos alguns excertos de música barroca, de música



contemporânea, de música clássica, de música romântica, enfim, fizemos a mesma coisa com obras de arte, desde São Félix do Piauí até o início do século... a metade do séc. XX, o pós-guerra... E os materiais que vocês no disponibilizaram foram usados neste mural, em que nós estamos trabalhando a história da arte ao longo dos tempos e o material que vocês nos disponibilizaram foi utilizado neste varal.

Erick: Este é o projeto que você desenvolveu também, não é?

Oriovaldo: Sim, o projeto que nós desenvolvemos em sala de leitura na nossa escola.

Erick: 3 - Julga que ocorreram mudanças na sua maneira de enxergar a arte e seu ensino?

Oriovaldo: Com certeza, com certeza. Principalmente por eu não ser de arte, esta questão da triangulação, de falar sobre a arte e de fazer uma... apreciar a arte, falar sobre arte contextualizando historicamente, contextualizando a história de vida do artista, o universo em que ele vivia, em que ele produzia, a observação da obra propriamente dita e a possibilidade de o aluno trabalhar em cima daquilo que ele observou. Esta questão da triangulação que é um método, um sistema que não... já ouvia falar, por ser curioso, por ler, mas não faz parte da minha formação. Isso foi muito importante em trabalhar, não apenas com os alunos, mas com os meus filhos até. Eu tenho dois filhos que gostam, que estão sempre ligados a arte, porque sempre me acompanham, até nisso foi interessante, na minha história de vida como pai, de educador de filho, foi até... bastante interessante.

Erick: Você voltou a procurar o projeto no ano de 2004? Por que?

Oriovaldo: Porque ele é muito bom. O bom filho a casa torna, quer dizer, eu não sei se eu sou bom filho, mas a casa é boa (risos). É realmente muito bom, um projeto de excepcional qualidade que eu, realmente, cada vez que eu venho aqui me sinto mais enriquecido... e aquela riqueza que ninguém tira de gente, não há ladrão que leve da gente, que é a riqueza intelectual. A experiência intelectual que a gente adquire através da vida, o legado cultural que você aprende, ninguém tira de você, que é moeda de troca em qualquer lugar do mundo, está acima de problemas financeiros, não há bolsa que derrube, não há dólar que derrubem, que é a riqueza intelectual que realmente produzida aqui com bastante intensidade.

Erick: Algum comentário final?

Oriovaldo: Bem, o comentário que eu posso fazer é torcer para que os encontros, Diálogos e Reflexões com Educadores, continue. Que as exposições de 2005 sejam ainda melhores e que a gente esteja presente aqui para produzir mais conhecimento, para produzir mais cultura, para refletir mais sobre a produção intelectual desse mundo conturbado em que vivemos, para que a gente possa produzir uma arte para a paz e para que a gente possa fazer um mundo mais habitável, com melhor qualidade de vida e que a gente possa ser feliz, em 2005, com muita arte e muita cultura.

Erick: Alguma coisa mais, Oriovaldo?

Oriovaldo: Gostaria de cumprimenta-lo, parabeniza-lo pelo seu trabalho e pela sua preocupação em estar registrando esse processo e cumprimenta-lo pela dissertação de mestrado que está a caminho.

Erick: E eu agradeço você estar aceitando participar deste processo, fazendo esta entrevista comigo.

Oriovaldo: Foi um prazer.

Erick: Obrigado.



Entrevista com Pio Santana**Professor de arte****Data: 23 de outubro de 2004****Erick:** Qual o seu nome?**Pio:** Pio Santana.**Erick:** Nome completo?**Pio:** Não, o completo é Pio de Souza Santana.**Erick:** Qual a sua formação (acadêmica e outras)?**Pio:** Eu fiz faculdade de educação artística com habilitação em artes plásticas na Faculdade de Artes de Alcântara Machado, e só. Tem outros curso que eu faço, esses cursos e workshops no MAM, Itaú Cultural, no CCBB, Masp, Brasil Connects e outros que surgem por aí.**Erick:** Especialização?**Pio:** Não eu não fiz especialização.**Erick:** Descreva brevemente seu histórico profissional.**Pio:** Bom, eu trabalhei durante 19 anos no Banco Nossa Caixa, inclusive aqui ao lado do CCBB, lá eu trabalhei em algumas áreas, por exemplo, fiquei bastante tempo na área de recursos humanos, onde meu trabalho era desenvolver ou melhor ilustrar os materiais de cursos internos que eram dados aos funcionários de todos os cargos, esse departamento, até hoje existe é claro, ele tem essa pessoa que ilustra esses materiais para os cursos.**Erick:** Ilustração gráfica?**Pio:** Ilustração Gráfica. Trabalhava também com fotografia e gravava alguns cursos em vídeo. Isso quando eu trabalhei no departamento de recursos humanos. Depois eu fui para área de marketing que foi o meu último estágio na Caixa, que foi quando que comecei a trabalhar com computador, com informática mas lidando ainda com arte, com editoração e eu continuava criando pequenas peças internas de propagandas da Caixa, foi quando eles contrataram uma agência externa porque precisavam de mais materiais, um volume maior de trabalho, e nós trabalhávamos meio que paralelamente. E além desse trabalho, eu trabalhei também com produção de eventos da Caixa. E nessa produção de eventos a gente fazia de tudo um pouco: uma hora mexia fotografia, outra hora fazia pesquisa, contratava serviços de fora. E paralelo a isso eu trabalhava com arte, porque eu me formei em 1985 e desde que eu me entendo por gente, desde pequeno que eu gosto de arte, fui fazer faculdade etc. E paralelo ao banco eu sempre trabalhei em casa ou no meu ateliê, eu tenho ateliê até hoje. E logo que eu me formei meus professores me incentivaram muito a continuar esse trabalho de artes, acharam que eu me dava bem, e eu acreditei nisso e desenvolvi um trabalho ao longo desse tempo de pintura, mostrei meus trabalhos em alguns momentos, participei de salão. E isso paralelo à caixa e na Caixa eu sempre trabalhei com arte também por motivo de eu estar desenvolvendo esse trabalho por conta da faculdade. E na Caixa a gente participava de um projeto da Febraban que é a Federação Brasileira dos Bancos, eles lançaram um projeto chamado Banco de Talentos, e era uma espécie de concurso. E eu me inscrevi para esse Banco de Talentos como artista, para participar dessa seleção que eles estavam criando, promovendo esse projeto e eu participei em três edições em anos diferentes, consecutivos e eles acabaram gostando de meu trabalho e patrocinando algumas coisas pra mim, patrocinaram exposições minhas, venderam trabalhos meus, têm trabalhos meus lá. E eu nunca quis ficar muito tempo trabalhando no banco porque eu não gostava de estar no banco, apesar de estar trabalhando sempre com arte lá no banco eu não gostava porque era um trabalho muito restrito, até a cor de uma bolinha não era a gente que escolhia, a gente tinha que cumprir algumas coisas que eu não gostava. E como paralelo à Caixa eu sempre desenvolvi meu trabalho no ateliê, e mostrava, e vendi e ganhava dinheiro, então, teve um momento em que, nos

últimos anos a Febraban me patrocinou uma exposição muito legal e eles mesmos venderam e eu ganhei bastante dinheiro, quer dizer, uns 30.000 reais numa exposição e para mim era bastante dinheiro, e naquele momento eu estava de férias da Nossa caixa, era 1996, e sempre com aquela vontade de sair do banco, de férias na praia com a minha mulher, eu falei: "Olha, acho que está na hora de pedir demissão, porque eu preciso cuidar mais do meu trabalho de arte". Eu trabalhava meio período, aí eu decidi pedir demissão porque eu queria realmente cuidar do meu trabalho pessoal e nesse momento eu já estava com que apartamento quitado, com meu carro, essas coisas básicas que a gente precisa para viver tranquilamente, então eu já estava mais ou menos assim, e eu voltei de férias e o banco estava naquele momento com um projeto de PDV, que é o Pedido de Demissão Voluntária, e eu entrei nessa lista de pedido de demissão. Na ocasião eu trabalhava nesse departamento de marketing, era um departamento da presidência então era um lugar que até muita gente queria ficar lá, mas enfim, eu cheguei a pedir demissão, e o pessoal falou: "Nossa Pio, você enlouqueceu?" Não, mas todo mundo sabia que eu não me dava bem no banco, que eu não queria fazer aquilo, eu fazia, mas não tinha o prazer que eu tenho hoje de ser professor, mesmo ganhando cinco vezes do que eu ganho hoje, mas eu acho que vale a pena, para qualquer pessoa. Fazer o que gosta é mais confortável, eu acho que não tem dinheiro que pague, por mais que o salário seja pequeno, eu acho que a gente acaba ganhando por outro lado muitas outras coisas. E aí, em fevereiro de 1997 eu pedi demissão e eu fiquei naquele momento, eu ganhei uma exposição individual, na Fundação Mokiti Okada, até meio conhecido, fiz minha exposição individual lá, a convite de um crítico, o Alberto Mult Miller, que dava um curso lá de história, eu fiz o curso com ele, e também naquele ano eu dava um curso de pintura lá, eu fiquei muito tempo dando aula de pintura na Fundação Mokiti Okada, a convite também dele e por um problema de verbas eles acabaram fechando o curso de artes que tinha lá, e eu fiquei de 1997 a 1999, dois anos, sem trabalhar em algum lugar assim, era só de casa pro meu ateliê, porque eu moro no bairro do Limão e o meu ateliê é a duas quadras da minha casa, é uma casa que eu alugo, estou lá há quinze anos mais ou menos. É um espaço só meu. Eu até tinha um outro espaço na Vila Madalena, eu tenho até hoje alguns colegas artistas que se formaram na mesma época, gente da FAAP também, de forma que eu fiquei dois anos só da minha casa para o ateliê, cuidando do meu trabalho e foi quando veio a crise econômica de 1999, não sei se você se lembra disso e o dinheiro que eu recebi do banco, eu fui construindo, ainda mantendo o mesmo padrão que eu tinha, a minha mulher também trabalhava no banco, ela continua até hoje e o dinheiro foi acabando e as coisas foram ficando difíceis e eu tive que arranjar um trabalho em algum lugar, para ter um salário porque viver de arte, só grandes artistas, pessoas reconhecidas e tal. Daí eu pensei: eu quero arranjar um trabalho, mas um trabalho que esteja ligado à arte e como eu tenho uma formação de professor, eu vou dar aula na escola pública, eu quero ver isso de perto, porque é a minha formação, eu vou ter contato com esse assunto e fui atrás de aulas numa escola e eles me disseram qual o caminho que eu tinha que fazer, fui até a diretoria e comecei a dar aula e logo que eu entrei na escola pública eu me apaixonei.

Pensei nossa, como eu não comecei isso antes, mas claro, a gente sabe que na vida tudo tem o seu momento, as coisas vão acontecendo naturalmente. E quando eu comecei na escola pública foi em 1999, em agosto, logo que acabaram as férias, e estou na escola até agora.

Quando eu saí da faculdade eu me senti muito sozinho, porque agora não, mas nos anos 1980, naquele período a gente não encontrava muitas pessoas para falar de arte, eu tinha muita necessidade disso, você tinha que ir na casa de alguém, não tinha esses encontros que hoje tem né, aí eu entrei para a escola, só o contato com os meus alunos e eu revendo minhas coisas para eu dar aula, exercitar isso para mim já foi muito bacana. E foi aí que eu senti necessidade de passar para os meus alunos informações adequadas, para eles aprenderem, e indo ao MAM e à essas exposições que eu costumo ir sempre, eu cheguei no setor educativo, fiquei sabendo desses cursos e foi lá que



eu comecei a fazer esses primeiros encontros que já deve fazer cinco anos que eu comecei a fazer esses encontros e de lá para cá quase todos os sábados da minha vida eu estou nessa. E é um veneno, porque eu me envenenei com isso e nunca mais. Eu acho que cada vez mais eu procuro me encontrar nesses lugares, porque como eu não fiz especialização depois da graduação, na verdade eu não tive uma boa formação, eu venho do nordeste, cheguei aqui nos anos 70 (1970), estudei na escola pública, família pobre e na verdade eu queira fazer música, porque quando eu era adolescente eu sonhava com aquilo tudo, tentei até algumas coisas mas não foi possível. Hoje eu percebo que eu não tive uma formação realmente numa escola bem preparada de forma que, depois da graduação eu deveria ter feito, na sequência, uma pós-graduação, enfim, continuar a vida acadêmica porque eu adoro pesquisar, eu vivo em busca de conhecimento e informação. Mais ou menos isso.

Erick: Qual disciplina ou em que área você leciona? Em qual Instituição? Para qual faixa etária e/ou público?

Pio: Eu leciono arte, faixa etária ensino fundamental e ensino médio, ou seja, crianças a partir de 7 anos..

Erick: Você leciona para 1ª a 4ª série também?

Pio: 1ª a 4ª série também, ou seja, toda a educação básica. Ensino fundamental I e II e Médio. Meu público é esse. Eu dou aulas na periferia de Francisco Morato, na grande São Paulo. Eu adoro dar aulas na periferia! Eu estava acostumado a trabalhar aqui, eu trabalhava aqui ao lado do banco, eu tinha uma vida muito certinha, terno e gravata e essa coisa toda e eu sou uma pessoa mais largada na verdade. Trabalhar na periferia, eu moro no bairro de Limão e me desloco da minha casa até a estação do trem que vai para Francisco Morato. Coisa que eu nunca imaginei na minha vida era trabalhar na periferia. Eu costumo brincar com meus amigos, eu falo "A minha vida é poética, é pura poesia", porque o percurso que eu faço todo dia é como se eu tivesse participando de uma cena de cinema, eu observo o mundo ao meu redor como se eu realmente estivesse inserido numa cena, porque o que acontece dentro desse trem é impressionante, pra quem nunca pegou esse trem e tem um olhar mais sensível, se embeleza, porque tem aquela coisa: o que está dentro e que está fora, então acontecem muitas coisas interessantes. Eu costumo dizer que é um 'micro Brasil'. Ali tem de tudo, pessoas de todos os tipos, de todas as camadas sociais, gente vendendo coisas que é proibido, quer dizer, tem uma corrupção ali dentro. As vezes o trem para, entram os guardas para pegar as coisas dos vendedores ambulantes. É uma loucura!. Você olha pela janela e vê aquela paisagem urbana, decadente, pobre, misturada com um prédio super moderno. Então eu fico encantado com meu percurso. Minha mulher costuma falar "Você não cansa de trabalhar tão longe? Porque você não vem pra cá?" Eu acho que se eu vier pra cá, claro que eu pretendo vir mais pra perto, porque com o tempo a gente vai ficando cansado e a gente tem outras coisas para fazer e tal, mas quando eu para de pegar esse trem eu vou sentir muita falta porque eu até tenho um projeto pessoal, poético, de estar gravando esse percurso, sabe quando a gente até tem na memória, até escrito assim como é que vai fazer, porque é muito bacana. Então, quando eu fui pela primeira vez trabalhar nessa periferia, logo em seguida estreou o filme Central do Brasil e coincidentemente a diretora, na primeira reunião que é no início do ano que agente chama de reunião pedagógica ela pôs o filme para a gente fazer uma reflexão e eu me identifiquei muito com aquele filme, com aquele meu momento lá porque quando eu desembarco na estação do trem, em Francisco Morato, eu pego um outro ônibus pra chegar até a escola e é um percurso de uns vinte minutos, e naquele momento passava por uma estrada que não era asfaltada e aquela poeirinha que o ônibus fazia, para mim era de uma beleza, impressionante. E tem momentos, no Central do Brasil, que eu me via e eu pensava "gente isso aí sou eu". Hoje esse lugar já é asfaltado. Eu me lembro que uma vez, choveu bastante e eu cheguei na escola com os pés todos elameados e aquilo ali para mim era o máximo da boa vontade, do prazer de estar ali, junto com aquelas pessoas, alunos que vão para a escola, não para estudar, mas por causa



da merenda porque em casa eles não têm o que comer, pessoas muito carentes, né. Eu percebo que quando eu chego na escola eu ajudo muito as pessoas, a minha presença, uma conversa que eu tenho as vezes com um aluno, eu tenho retorno depois que ajuda muito. Eu tenho histórias lindas de alunos que eram considerados marginais, daqueles que realmente não valiam nada, que conforme o contato que eles tinham comigo, eles perceberam que eles tinham potencial e acabaram se encaminharam para vida escolar deles e tem casos, hoje até casados, com filhos também e trabalham. Então essas coisas dão muito prazer, fora a relação pessoal, o que eles aprendem. E essa escola, dessas história toda do ônibus, é uma escola chamada Escola Estadual Padre Do Sérgio Pacheco do Nascimento e nessa escola eu fiquei quatro anos, saí de lá este ano. Até o ano passado eu ainda estava lá e como eu ainda não sou concursado do estado eu sou o que eles chamam de OFA. Esse ano eu saí de lá porque são atribuídas as aulas no início do ano e é por pontuação, e como eu comecei a pouco tempo, os meus pontos são pouquinhos, e tem pela ordem dos pontos, foi um professor na minha frente e pegou essas aulas, por direito dele é claro, e eu fui para uma outra escola que é a escola que eu estou esse ano que a história está se repetindo lá também: são carentes também, tem uma estrutura um pouquinho melhor do que essa anterior mas a relação com os alunos é também muito gostosa. O nome dessa escola atual é Editor José de Barros Martins. E este ano foi um pouco tumultuado a partir do segundo semestre.

Erick: Ela também fica em Francisco Morato, essa escola?

Pio: Também fica em Francisco Morato, em bairros diferentes, um outro bairro, mas é da mesma diretoria de ensino, diretoria de Caieiras... E A partir do mês de julho, eu fiz um concurso na prefeitura de Osasco para professor adjunto. Eu fui lá fazer o concurso porque foi a primeira vez que eu fiz um concurso para professor, a primeira não, a segunda pois a primeira foi no Estado, mas eles não chamaram a minha numeração ainda, dizem que vão chamar agora no mês de novembro, dezembro, não sei. E eu fiz o concurso de Osasco, mas não dei muita bola para o concurso, eu passei, mas para professor adjunto e no Mês de julho eles me chamaram. Eu nem tinha ido atrás, porque tem gente que vai, né, pega o gabarito e tudo e eu nem fui atrás, não fiquei muito encaçado com isso. Se eu passar, eles me chamam! E foi isso que aconteceu. Um dia eu cheguei em casa e estava lá um telegrama para eu me apresentar dois dias depois, com a documentação que eu tive que correr atrás. E eu também estava nesse momento, trabalhando na prefeitura de São Paulo, porque eu deixei uma ficha lá e eles me chamaram e eu estava com uma turma de suplência (adorei trabalhar com eles). E fui para Osasco e em Osasco fui ter contato com as turmas de 1ª a 4ª série, que eu estou agora, com duas escolas lá que eles chamam de EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental. Sara Bechara e Teresinha... não me recordo agora, porque a escola é nova, então eu nem decorei ainda o nome. Mas paralelo ao Estado, eu trabalhei quatro anos, este ano eu deixei essa escola, trabalhei há quatro anos atrás com uma escola com metodologia do Objetivo, uma escola particular, Colégio Wellington na Freguesia do Ó. Lá eu tinha todo o ensino fundamenta de 1ª a 8ª série. E foi uma escola interessante porque apesar de ser uma metodologia do Objetivo, os donos da escola me deram carta branca e disseram “Pio, se você não quiser seguir as aulas da apostila, você pode dar as aulas que você quiser” mas eu segui as aulas apostila mesmo e paralelo a isso, eu fazia uma exposição anualmente, cujo tema eu escolhia, e aí os donos da escola reuniam todos os professores e todos os professores ajudavam a montar a exposição. Então todo ano eu fazia uma. A última que eu fiz foi paralelo à Bienal, que naquele ano foi... não me lembro agora o nome da Bienal, mas sei que eu fiz um paralelo com o nome da exposição de ‘Vida Urbana’.

Erick: Era a 25ª Bienal, em 2002, sobre a metrópole?

Pio: Isso. Era sobre a metrópole e eu fiz esse paralelo chamando ‘Vida Urbana’. E na ocasião, inclusive, eu fiz um curso para professores, com a Mirian Celeste Martins, e a nossa exposição Vida Urbana tinha por objetivo levar todos os alunos à Bienal e retornando da Bienal, nós íamos pensar o



que a gente ia fazer a partir da exposição e cada série tinha a sua técnica. Tinha o pessoal que ia fazer pintura, o pessoal que fazer gravura, que ia fazer dança, o que pessoal que ia fazer instalação, fotografia, vídeo, performance... cada sala teve um trabalho específico desenvolvido. Foi um trabalho muito bacana, lindo, lindo, lindo. E um dos trabalhos foi uma performance, uma dança chamada Vida Urbana, dos alunos de primeiro colegial, que ficou uma coisa muito legal. Eu fiquei tão entusiasmado com o que eles fizeram que eu fui até o setor educativo e conversei com a Mirian, disse "Mirian, está acontecendo isso, e isso, e isso e gostaria de trazer meus alunos para mostrar isso aqui na Bienal" porque tinha um espaço lá e ela também ficou entusiasmada: "Vamos fazer isso Pio, me traz uma fita com o trabalho gravado". E eu gravei, mas até tudo isso acontecer, a exposição na escola e essa idéia surgir, já estava na última semana da Bienal, e precisava ser negociado para os alunos irem lá... quase deu certo. Agora eu estou só na escola do Estado que é a Editor José Martins e nessas duas de Osasco. Essa escola particular eu deixei porque eu não gostava muito bem de como ela era dirigida, apesar de eu ter carta branca eu não me identificava muito. Prefiro trabalhar na escola pública. Me sinto muito melhor lá, eu acho que eu me dou muito melhor na escola pública.

Erick: Como tomou contato com o projeto Diálogos e Reflexões com Educadores, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo?

Pio: Como eu comecei com essa história de freqüentar os educativos dos museus, começando pelo MAM, eu acabei ficando sabendo que o CCBB estava também com um setor educativo que dava esses cursos para professores. Logo que eu fiquei sabendo, eu não pude vir e sempre deixando para ir no próximo e teve um momento que eu cheguei e me instalei... e estou aqui. Mas foi através de amigos, amigos professores que já vinham freqüentando aqui.

Erick: Você teve a oportunidade de participar dos cinco (05) diferentes encontros do projeto no ano de 2003? O que movia o seu interesse para freqüentar? Caso não tenha participado de todos, qual o motivo?

Pio: Eu participei de todos. O que me interessa nesses cursos é justamente a possibilidade que eu tenho de me reciclar, de me aprimorar na sala de aula, porque eu acho que esses encontros são fundamentais para os professores de arte, os materiais que nós recebemos ajuda muito na sala de aula, essa troca, esse diálogo quando encontra o grupo é muito bacana... é por isso que eu me interessou.

Erick: Você veio aos encontros sozinho ou acompanhando de um(a) ou mais colega(s) de profissão?

Pio: Bem, eu sempre venho acompanhado de colegas de profissão.

Erick: São colegas de trabalho da mesma escola?

Pio: Já aconteceu de vir um colega de escola, mas meus grandes encontros são com colegas de outras escolas. O pessoal de lá, acha muito longe, eles têm muita dificuldade e acabam não se interessando, mas já mudou muito isso. Eu faço muita propaganda desses encontros porque como eu me identifico eu gostaria de estar dividindo com eles, porque eu sinto tanto que eles precisam dar uma reciclada, porque tanto saem ganhando eles, como saem ganhando os alunos. Mas eles têm uma certa dificuldade.

Erick: Esses colegas que acompanham você aqui são da área de arte?

Pio: São. A maioria é da área de arte.

Erick: Isto possibilitou conversas, trocas e ressonâncias em seus trabalhos?

Pio: O encontro?

Erick: Não, o fato de vocês estarem vindo juntos.

Pio: Ah, sim, a gente troca informações, textos, imagens, sites, a gente se comunica por e-mail "Olha está acontecendo tal coisa, olha isso, olha que tal esse material?" Eu tenho minha amiga Cissa, que toda vez que a gente se encontra ela me presenteia com vários lápis que já estão com certo tamanho, que é quase na metade. Ela é professora de educação infantil e aquele tamanho de lápis para os



aluninhos dela, já não é suficiente, eles não conseguem trabalhar. Então ela junta aquele material todo e me dá. Então na maioria das vezes que a gente se encontra, ela me dá um saco de lápis. Às vezes ela me traz papel, porque ela sabe que o meu pessoal não tem nada. Ela me presenteia com todas essas coisas, ela é muito simpática, a Cissa. E eu agradeço muito a ela, porque quando eu chego na sala de aula é uma festa: os alunos não têm nada lá. Ter uma caixinha de lápis de cor para eles é um luxo! E eu muitas vezes compro materiais e dou de presente para eles. Na verdade os lápis que eu ganho da Cissa são mais para o meu material de professor, mas se eu deixo assim a disposição, desaparecem todos, logo não se acha um, mas como eu sei que eles precisam tanto, acabo doando mesmo.

Erick: Como você avalia criticamente o projeto?

1 - Como educador participante;

Pio: É uma pergunta bem difícil porque como a gente falou aqui, eu me identifico muito com o projeto Diálogos e Reflexões e como eu faço esses cursos em outras instituições eu considero o curso de vocês atualmente um dos melhores. Uma única coisa que eu acho que poderia melhorar é o material do professor. Não os textos mas as imagens que são fornecidas ao professor. É claro que as transparências são maravilhosas, só que ela não atinge o aluno, não chega até o olhar do aluno porque a grande maioria da escola pública apesar de ter algum aparelho de retroprojektor, as pessoas não usam porque não é uma coisa prática, muitas vezes as janelas não têm cortina e durante o dia é impossível trabalhar com transparências, a não ser que fossem salas ambientes, que pudesse colocar cortinas. Eu até faço isso porque eu arranquei da escola uma sala para mim, tive que brigar mas consegui uma sala para mim, Por isso eu até uso, mas a maioria, digamos que ao meu ver 80 ou 90% não conseguem usar a transparência, principalmente o pessoal da manhã e da tarde, porque é dia e não tem como deixar a sala escura. Então se vocês tivessem a possibilidade de criarem pranchas mesmo, papel, eu acho que seria mais interessante.

Erick: Mais alguma questão com relação ao material gráfico? Tanto do ponto de vista do conteúdo quanto das imagens?

Pio: Quanto ao restante eu acho que está perfeito. O formato que vocês trabalham de levar os professores a visitarem a exposição e depois trocarem idéias sobre o que viram, sobre o que pensam da exposição...

Erick: ...Você já está avaliando a dinâmica dos encontros?

Pio: É. Então eu acho que esse formato do encontro, o que eu acho importante é que ele nunca se dá do mesmo jeito. Então tem momentos em que vocês fazem essa dinâmica de uma forma, já vim em outros encontros que eram de outro jeito. Então, o que eu percebo que está faltando são pranchas mesmo, para a sala de aula.

Erick: E com relação aos conteúdos trabalhados e a interlocução com as exposições?

Pio: Então, os conteúdos... apesar da exposição estar aqui, vocês costumam trazer... ou textos de outros lugares... vocês fazem comparações com outro artista de outro período, vocês trazem imagens e essas comparações enriquecem muito o nosso vocabulário enquanto professor, eu acho que é disso que a gente precisa. Agora... há, lembrei de uma coisa. É claro que eu acho que isso é muita coisa, é pedir muito, mas essas dinâmicas que vocês apresentam, essas imagens que vocês apresentam, paralelamente, nesse entendimento com a exposição, hoje mesmo vocês mostraram... hoje foi só o Tàpies, mas teve outras exposições que vocês mostraram outras imagens, eu me lembro muito bem disso com a exposição da Regina Silveira, Claraluz, que eu fiquei encantado com as outras imagens que vocês mostraram, acho que no Power Point. Então, se nesse material viessem também imagens, mais imagens de outros artistas, de outros períodos, eu acho que muito mais rico, seria um material maravilhoso. Porque, por exemplo, neste do Tàpies tem acho só imagens dele, eu acho que poderia trazer neste material imagens que fizessem um link com outros artistas de outros



períodos, mas que trabalhassem de forma semelhante. Por exemplo, você chega na sala de aula, eu costumo muito fazer isto, quando eu chego na sala de aula, eu estou trabalhando atualmente o Nuno Ramos, então eu mostro idéias do Tàpies, de outros artistas contemporâneos, por exemplo, se eu quero falar de instalação eu trago instalações de outros artistas, porque os alunos do ensino básico são alunos completamente desinformados, estão ainda na fase da alfabetização mesmo, visual, que você precisa informar, é quase como está dizendo que isso é amarelo, o amarelo é o amarelo, o azul é o azul, sabe? Então você tem que dizer o que é uma instalação, uma instalação tem este formato, uma pintura é isso, uma gravura é isso, então são coisas super básicas, que pra eles é uma grande novidade. Então se eu levo imagens do Nuno Ramos eu tenho que estar comparando com outros, pra eles não ficarem somente... presos ao Nuno Ramos. Então eu gostaria que vocês pensassem mais nesse sentido, trazendo mais imagens, relacionando com o artista, no caso quando é um artista só, eu acho que ficaria muito interessante.

Erick: Tendo em vista o próprio nome do projeto, quais os diálogos e reflexões os encontros provocaram, ampliaram e ou potencializaram em você?

Pio: Eu acho que ampliaram bastante, potencializaram mesmo, me deram muita segurança, me deram... eu achei que o nome que vocês escolheram é bem pertinente, eu acho que são diálogos mesmo, são reflexões que a gente faz enquanto está neste encontro. E pra mim... muita coisa se confirma... e essas confirmações, me dão muita segurança na sala de aula. Quando você fala de arte de uma forma mais segura, segura no sentido de estar aberto à reflexões, né?! Seguro é nesse sentido de estar flexível, então, não sei se estou sendo claro, mas as provocações é que são interessantes, eu aprendi muito aqui com vocês a provocar o aluno. Eu faço perguntas que as vezes eu nem quero resposta, eu só quero saber como é que eles estão pensando, então eu acho isso muito interessante e eu aprendi aqui. É isso...

Erick: Em função da experiência vivida nos encontros de 2003:

1 - Qual foi o reflexo direto em seu trabalho em sala de aula?

Pio: Me veio agora a idéia, do encontro da exposição *Pele, Alma*. Uma escola... naquela escola particular que eu dei aula, a gente fez um trabalho bastante grande, assim, sobre pele, o que que era pele, porque coíncidia com o conteúdo de uma apostila lá do Objetivo, mas eu achei que a apostila tava muito... um conceito muito fechado e quando eu vi a exposição aqui, me parece até que eu trouxe os alunos para ver esta exposição, não me recordo, mas acho que trouxe... É verdade, eu trouxe sim, agora eu me lembro de uma aluna que comentava sobre um trabalho, tal... E a gente acabou montando uma exposição só sobre pele na escola, então eu acho que quando eu venho a estes encontros, Erick, justamente com a intenção de fazer com que meu trabalho se amplie, né?! Então, muitas vezes, as minhas aulas ficam até um pouco semelhante com o que acontece aqui, é meio que... uma coisa que eu adiquiro aqui e aplico lá.

Erick: Então você fez uso e/ou adaptação e/ou recriação do material oferecido (incluindo conteúdo e imagens)? Desenvolveu um ou mais projetos em sala de aula?

Pio: Sim, eu uso bastante os materiais e... As minhas aulas são todas envolvidas com projeto, eu adoro trabalhar com projeto, na escola pública, na verdade eu só trabalho com projeto na escola pública, não são aulas soltas, são aulas completamente amarradas e são envolvidas com outras disciplinas, então eu acabo desenvolvendo projetos, com os materiais que eu ganho nestes encontros.

Erick: No caso, você citou o *Pele, Alma*.

Pio: Eu me lembro agora do *Pele, Alma*... Bom com relação à exposição *Claraluz* da Regina Silveira, na ocasião eu trabalhei a questão de luz e sombra com os alunos, mesmo porque eu não os trouxe aqui para ver a exposição. Mas agora em 2004, eu vou estar trabalhando com alunos de ensino médio, esse elemento "luz na arte" e é um projeto que está vinculado a Pinacoteca, que é um projeto



chamado *Bem vindo professor*. E neste projeto nós temos que desenvolver na escola a partir de idéias de artistas do séc. XIX, então nós levamos os alunos para a Pinacoteca, já com o olhar voltado para este elemento, claro, olhando tudo, mas com o olhar voltado para o elemento luz, de vários artistas e em sala de aula já desenvolvemos algumas coisas, estamos exatamente neste momento neste processo de trabalhar este elemento luz. E, com eu vim aqui e fiz o *Diálogos* pra professores sobre *Claraluz*, me lembrei que Regina Silveira, nos materiais que eu levei de vocês, vai ser uma ferramenta que vai me ajudar bastante, então eu vou estar usando só este ano o *Claraluz*.

Agora o diálogos... como é que chama, do Bispo do Rosário?

Erick: *Ordenação e vertigem*.

Pio: *Ordenação e vertigem*. Eu me lembro que eu trabalhei também na escola, porque eu até pedi para os alunos trazerem materiais de casa, assim, coisas que eles achavam que não tinha mais valor, por exemplo, uma colher na gaveta lá em casa, na casa deles, que eles achavam que não servia mais, que eles trouxessem para a sala de aula. Eu me lembro que várias pessoa levaram coisas diferentes e nós juntamos assim um do lado do outro e eu fiz comparações pra gente falar sobre... naquele momento a gente tava falando na sala de aula sobre... seqüencialidade, essas coisas de colocar na ordem e olhar pra aquilo com um outro olhar, elementos do cotidiano que podia nos fazer alguma, podíamos construir alguma idéia poética, então eu trabalhei um pouquinho só.

E a outra foi... qual foi mesmo a outra exposição? Há, o Andy Warhol, é bacana porque tem a idéia do grafite, então nós trabalhamos bastante.

Erick: O Keith Haring?

Pio: É... mas o Andy Warhol a gente também trabalhou. Nós trabalhamos com elementos da propaganda. Tudo começou com os alunos que tinham camisetas estampadas, que eles usam muito camiseta, os jovens usam muito camiseta com desenho e tal, e eu me lembro que eu peguei, assim, uma meia dúzia de alunos e coloquei na frente da lousa. Eles ficaram super surpresos para ver o tava acontecendo, o que era aquilo. E eu comecei a perguntar para os outros o que eles achavam das estampas, foi assim que começou a história e aí depois eu mostrei o Andy Warhol, Art Pop, como é que foi que se desenvolveu. E o Keith Haring foi a questão do grafismo, do grafite. Com o Keith Haring fez até mais sucesso, porque essa garotada adora grafite, então nós fizemos vários trabalhos de desenho mesmo, mas com idéias de grafite e eles mesmos desenvolvem o que eles gostam. Foi bem interessante, nós fizemos um painélzinho e fizemos relações com Keith Haring e outros artistas que trabalham com grafismo, inclusive alguns brasileiros... o Basquiat eu também mostrei para eles, foi muito bacana.

Erick: Julga que ocorreram mudanças na sua maneira de enxergar a arte e seu ensino?

Pio: Bom, a cada dia que passa agente aprende, né?! Sempre muda, eu tenho sempre ganhado com esses encontros, então ta sempre mudado, sempre aprendendo, sempre vem ajudando. É por isso que eu venho nestes encontros. É onde... é minha fonte de informação, de onde eu me alimento pra melhorar, não com a intenção de dar uma boa aula, não é isso. É mais por uma busca pessoal mesmo, porque eu gosto disso... uma coisa pessoal, uma coisa que eu gosto, uma coisa de amor pelo que faz.

Erick: Mas julga que houve também alguma mudança na sua prática docente?

Pio: Há houve, houve. As aulas ficam mais dinâmicas, eu acabo ganhando mais práticas, os alunos, quando eu chego na sala de aula, para eles é sempre uma surpresa. As minhas aulas, nunca são aulas monótonas, parece uma festa e ainda que nós levamos o rádio para a sala de aula, então isto até ajuda bastante.

Erick: Você voltou a procurar o projeto no ano de 2004? Por que?

Pio: Voltei, justamente para continuar esse... matar esta sede, esta... crescer né?! Em busca de crescimento mesmo.



Erick: Algum comentário final?

Pio: Não, eu só queria agradecer que vocês me toleram aqui, esse tempo todo (risos) e dizer que eu sou fã do trabalho de vocês, que... é muito bom estar aqui!

Erick: Obrigado por ter cedido esta entrevista para mim, Pio.

Pio: Imagina, eu que agradeço a oportunidade e estou às ordens.



Maria Lúcia do Prado

Professora de 1ª série do ensino fundamental

Data: 19 de fevereiro de 2005

Erick: Qual o seu nome?

M. Lúcia: Maria Lúcia Lopes do Prado.

Erick: Qual a sua formação (acadêmica e outras)?

M. Lúcia: Bom, a minha primeira formação é de ensino fundamental, depois eu fiz magistério, escola normal, porque eu tenho uma formação já do tempo antigo (risos), então eu sou formada professora de ensino fundamental, me formei em 1966. Aí eu fui fazer, ciências políticas e sociais, então eu sou bacharel em ciências políticas e sociais e fui fazer pedagogia, com especialização em deficiência mental. Aí depois fiquei fazendo vários cursos, eu tenho um período de... não defendi tese de mestrado, mas eu fiz todos os créditos de mestrado em distúrbios da comunicação, que tinha haver com deficiência mental. Eu tenho vários outros cursos de atualização, ligado à psicanálise, ligado ao atendimento de crianças com necessidades especiais.

Erick: Você tem o título de mestrado, hoje?

M. Lúcia: Não, não tenho, porque eu não defendi a tese. Eu só tenho os créditos cumpridos.

Erick: Alguma outra que você gostaria de comentar?

M. Lúcia: Em termos de formação? Eu acho que é importante a gente estar dizendo, eu estar dizendo a questão de que eu fiz um curso de atualização em crianças com distúrbios e que eu tive a oportunidade de fazer um estágio na França, na escola da Mod Manonet, que é uma escola experimental, para o atendimento de crianças com deficiência mental. Esse estágio ele amparou, ele apoiou as leituras, porque foi o momento da prática, então eu acho que importante eu estar dizendo isto.

Erick: Descreva brevemente seu histórico profissional.

M. Lúcia: Bom, eu comecei a lecionar antes de me formar professora, eu comecei dando aula particular, quando eu estava no antigo ginásio, eu estava na sexta série mais ou menos. Aí eu lecionei seis anos em escola particular, em pré-escola, pré-primário, que na época era uma escola particular, pré-primário e primeira série, então eu lecionei seis anos. E daí eu abri uma escola, uma escola especial, para deficiência mental. Essa escola foi aberta em 72 e ela deixou de funcionar, teve vários nomes, nomes fantasia do atendimento, mas ela deixou de funcionar em 2001. Em 1988 eu abri uma sala especial para uma diretora que queria uma sala para crianças deficientes mentais e eu abri, eu assumi então na rede pública estadual de outubro de 88 a metade do ano de 89, quase um ano. Aí eu fiquei só na minha escola particular e em 2001, quando a escola deixou de funcionar, eu fui outra vez para a rede pública estadual. Fiquei em 2001 e 2002 na rede estadual e em 2001 ou início de 2002, já não me recordo mais, mas eu prestei o concurso de rede municipal de São Paulo, aí eu fui aprovada e assumi em agosto de 2002 a rede municipal. Hoje eu estou acumulando cargo, eu estou trabalhando na rede estadual, com sala SAEP, que é o Serviço de Atendimento Especializado Pedagógico, e estou na rede municipal com sala SAAE, que é Serviço de Atendimento e Apoio à Inclusão. Estou fazendo estas duas atividades atualmente.

Erick: Mais algum comentário?

M. Lúcia: Ah, eu assim, toda, em todo esse período, desde... (risos) desde quando eu tinha seis anos de idade, eu nunca deixei de estudar. Eu acho que isso é uma coisa que eu tenho que estar falando porque assim, eu acho que um professor, ele não pode atuar na área de educação se ele não estiver em constante atualização de conhecimentos, buscar. Então, eu não sei, quase quarenta anos, né? (risos) No ano que vem quase quarenta anos de atuação no magistério, e assim, eu sempre estudei. Sempre fiz cursos, desde a minha época de normal, desde de 1966, eu tenho curso que eu fiz na

Biblioteca Central de São Paulo, de 1964, antes de me formar professora. Então eu já tinha o hábito de buscar recursos que estivessem fora da sala de aula, que eu pudesse estar conhecendo outros profissionais, vendo experiências das pessoas, porque eu acho que isso é muito importante. Só isso.

Erick: Caso você já tenha respondido isso...qual disciplina ou em que área você leciona? Em qual Instituição? Para qual faixa etária e/ou público?

M. Lúcia: Bom, a atual, verdade são todas as disciplinas, porque é ensino fundamental e, atualmente, a faixa etária, eu estou com a faixa etária de quatro anos de idade a dezoito anos de idade, mais ou menos, é essa a faixa etária do meu público atual. Mas assim, eu já trabalhei em todas as faixas etárias, desde crianças bem pequenas, de dois anos de idade, até pessoas com bastante idade, porque eu já trabalhei na formação de adultos também. Então eu já trabalhei com pessoas de cinquenta anos de idade...

Erick: E em 2003?

M. Lúcia: 2003, em especial, eu estava com um primeiro ano de ensino fundamental. 2004, com um terceiro ano de ensino fundamental, da educação básica e, da metade do ano para o final, com o SAEP.

Erick: Como tomou contato com o projeto Diálogos e Reflexões com Educadores, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo?

M. Lúcia: Bom, eu sempre tive interesse por artes, mas eu nunca propus a estudar artes. E a minha escola, na época que eu tive escola que foi um tempo bastante grande, eu via a necessidade de estar trabalhando a questão de artes com crianças, com pessoas, com jovens que tinham algumas dificuldades de se socializar, de entender o ambiente onde eles estão. E aí, eu tenho dois filhos e a minha filha se interessou pela área de educação e se interessou demais por artes e foi ela que me falou do Diálogos e Reflexões, aí a gente pode estar freqüentando.

Erick: Você teve a oportunidade de participar dos cinco (05) diferentes encontros do projeto no ano de 2003? O que movia o seu interesse para freqüentar? Caso não tenha participado de todos, qual o motivo?

M. Lúcia: Bom, eu freqüentei todos os encontros de 2003 e eu acredito que o motivo, eu já tenho um motivo intrínseco que é estudar mesmo, mas o motivo assim, a cada encontro que eu estive presente, eu via o quanto eu podia estar acrescentando para a minha formação pessoal e para a dinâmica de sala de aula, então eu me propus a ir em todos os encontros. O meu motivo era a minha formação pessoal e a minha possibilidade de intervir dentro da minha sala de aula, com, outros recursos.

Erick: Bem, isto você já deve ter respondido, mas veio aos encontros sozinho ou acompanhando de um(a) ou mais colega(s) de profissão?

M. Lúcia: Fui sempre com a minha filha. Eu não consegui levar colegas da escola, porque assim, é uma questão complicada à vezes para os professores deixarem a família no final de semana, para poder estar participando de uma formação. Então, eu não consegui levar nenhum colega da escola, mas... assim, até tive a possibilidade de estar discutindo bastante o que eu estava aprendendo lá.

Erick: Bem, é exatamente isto: isto possibilitou conversas, trocas e ressonâncias em seus trabalhos?

M. Lúcia: Eu acredito assim que foi um momento bastante importante para mim, a possibilidade de ir colocando para os colegas da EMEF em que eu estava, os colegas do período de 2003, a importância da gente poder estar trabalhando as questões que o Diálogos e Reflexões propunha. E eu tive a oportunidade de discutir muitas coisas e alguns professores, inclusive, ficaram tentados a participar, mas pelo menos eu não tomei consciência da participação efetiva de nenhum deles, mas chegaram a pedir endereço, horário, não sei se chegaram a tentar se inscrever, mas houve bastante possibilidade de discutir o que era proposto.

Erick: Como você avalia **criticamente** o projeto?

1 - Como educadora participante;



M. Lúcia: Eu acredito que o projeto possibilita uma troca grande experiências entre todos os professores e se eu posso estar incluindo dentro do projeto, a possibilidade da gente levar os alunos para visitar as exposições, eu acredito assim que é uma questão muito importante, a abertura de eu poder estar levando os alunos para as exposições. Porque aí, além da gente ter a aprendizagem, ter a possibilidade de dialogar a respeito, de refletir, ainda a gente tem a possibilidade de estar trabalhando com os alunos e propondo a eles também, não fica uma formação exclusiva para o professor, há a possibilidade de uma prática imediata.

Erick: 2 - Com relação à dinâmica dos encontros;

M. Lúcia: Eu gostei muito da variação de dinâmica, porque assim, a cada encontros que a gente ia, não havia uma rotina pré-estabelecida, era proposta uma forma diferente para se trabalhar naquela exposição. E eu gostei, porque eu acho que as pessoas, e eu não sei se por quase esses quarenta anos de prática eu possa estar dizendo isto, mas acho que sim, existe uma tentativa de se estabelecer rotinas, padronizar e se habituar a aquela rotina. E quando a gente chegava nos encontros Diálogos e Reflexões, era sempre novidade a dinâmica que iria se colocar, então eu achei bastante interessante.

Erick: 3 - Com relação aos conteúdos trabalhados e a interlocução com as exposições;

M. Lúcia: Também achei bastante positivo, eu achei interessante a preocupação do grupo que idealizou o projeto, de estar atendendo praticamente todas as faixas etárias, porque a gente tinha tanto exposições em que agente podia articular assuntos mais ligados a jovens ou a crianças, a história da própria da própria arte... Então, eu achei que dava para a gente fazer um bom trabalho, a partir do que era oferecido no conteúdo do... das exposições e do que era discutido.

Erick: 4 - Com relação ao material gráfico oferecido, incluindo conteúdo e formato;

M. Lúcia: Logo no início, o material oferecido não contemplava o trabalho dos professores em sala de aula. E aquela prática da gente ter a possibilidade de fazer uma avaliação, eu até me senti bastante feliz, porque eu sugeri que a gente tivesse algum material que a gente não precisasse... porque o que que eu fazia: eu pegava o material que era oferecido, aí eu fotocopiava em transparência e aí eu usava. E aí minha alegria foi grande quando (risos), em 2004 acho, só que a gente começou a receber um material fotocopiado. Mas assim, praticamente, de 2003 eu tenho muito material que eu mesma reproduzi a partir do material que foi oferecido, eu fui fazendo transparências para apresentar para os alunos. Era o recurso que eu podia estar fazendo eram as transparências, então eu acho que foi o material gráfico que me ajudou.

Erick: E do ponto de vista do conteúdo? Do texto?

M. Lúcia: Eu trabalhava com crianças de primeiro ano, então, com crianças de primeiro ano a gente trabalha alfabetização, a maioria dos alunos são de periferia, de um lugar muito pobre e... a maioria dos alunos, eles não tem um vocabulário que eu pudesse estar usando um conteúdo da forma que ele é proposto. Mas aí eu fui fazendo adaptação. Então, o que eu fiz... eu, por exemplo, quando eu trabalhei com a exposição da sombra e luz?! Regina?! Então o que fazia, eu contava história da artista com o texto, a história para os alunos de que os artistas podem estar mortos ou podem estar vivos, e aí o que eu fazia, eu fazia uma ficha de identificação do artista e fazia uma lista de palavras para a gente poder trabalhar o processo de alfabetização. E os diferentes tipos de texto, tanto os que são de imagem quanto os que são de escrita, então por exemplo, o que é uma biografia, o que é uma ficha de identificação, então eu... em termos do conteúdo, eu me vali do... não precisei fazer... que nem, a Regina, é uma artista da atualidade, então se você não está acompanhando as questões, você... é diferente de você trabalhar uma Tarsila do Amaral, que você pode ir até uma biblioteca buscar. E foi muito interessante, porque quando os meus alunos visitaram a exposição, eles queriam ver a Regina. Só eu ter dito que ela estava viva, era professora, que ela ainda fazia aqueles trabalhos que a gente estava vendo ali, que ela que tinha feito, eram dela... eles, como crianças novas, na faixa

de sete anos de idade, eles queriam que ela estivesse lá, para ser recepcionado, eles estavam exigentes (risos). Mas eu acho que foi interessante, muito interessante, porque eu fiz uma adaptação do conteúdo, em função da faixa etária que eu atendia.

Erick: Algum outro comentário?

M. Lúcia: Eu continuei trabalhando com outras faixas etárias, então assim, não precisamente em 2003, mas eu fui levando o que eu pude ter vivenciado para outras situações. Aí eu continuei fazendo adaptação de conteúdo e, assim, de 2004 da África, eu aproveitei bastante, muito, o conteúdo foi muito relevante para eu desempenhar minhas atividades.

Erick: Tendo em vista o próprio nome do projeto, quais os diálogos e reflexões os encontros provocaram, ampliaram e ou potencializaram em você?

M. Lúcia: Eu acho que o nome tem tudo haver, eu acho que com tudo que foi feito. Eu acho que tanto provocaram reflexões em mim, quanto ampliaram e, fundamentalmente, eu aproveitei bastante todos os encontros que eu fiz. Em todos eles eu tive a possibilidade de repensar questões, porque a minha formação de artes é uma formação precária, então a possibilidade de ter esses encontros me ajudou bastante, eu... ampliar, o que eu sabia, porque eu acho que eu sabia muito pouco, apesar de que eu acho que a gente sempre sabe pouco (risos).

Erick: Em função da experiência vivida nos encontros de 2003:

1 - Qual foi o reflexo direto em seu trabalho em sala de aula?

M. Lúcia: Quando eu comecei a dar as aulas no primeiro ano eu já tinha ido ao primeiro encontro de 2003... a não ser que não tenha sido. Mas 'Pele, alma', foi o primeiro de 2003? E, aí depois é que eu comecei, fazer os planejamentos, praticamente foi concomitante, eu ter ido a 'Pele, alma' e começar as atividades com o primeiro ano, o plano de trabalho. Então, eu desenvolvi um projeto, inclusive eu acho que foi longo para os alunos, um projeto de ano inteiro, porque a minha intenção era conseguir ir até os encontros, de Diálogos e Reflexões, e trazer, modificar, criar um horário na sala de aula, onde eu pudesse estar trabalhando artes. Mesmo porque o projeto político-pedagógico da minha escola é um projeto de artes e letramento, então quando eu vi esta possibilidade de articular o projeto da escola com as visitas ao Banco do Brasil, feitas pelos alunos e a possibilidade de trazer o que estava sendo proposto, a minha preocupação era só assim, o quanto eu aia conseguir articular o que era proposto, respeitando a faixa etária dos alunos. Mas mesmo 'Pele, alma', que não tinha tempo hábil para eu trabalhar com os alunos, eu acredito que teve uma influência direta na minha sala de aula, na medida em que eu pude trabalhar gênero, que eu pude trabalhar preconceito, pensando em 'Pele, alma'. E os meus alunos de primeiro ano, que hoje estão no terceiro ano, a grande maioria, acho que todos, foi marcante. Então eu senti uma diferença grande, de eu ter recuso para eu poder estar falando para eles e poder, mesmo sem eles terem visitado 'Pele, alma', eu pude falar sobre o trabalho. Então a diferença na minha sala de aula foi que eu tinha um recurso, muito rico, para eu poder trabalhar, foi uma alteração na prática que foi possibilitada pelas condições, da gente poder estar discutindo com os alunos o que a gente estava vivenciando nos encontros.

Erick: Talvez você já tenha respondido esta questão: 2 - Fez uso e/ou adaptação e/ou recriação do material oferecido (incluindo conteúdo e imagens)? Desenvolveu um ou mais projetos em sala de aula?

M. Lúcia: É, eu já respondi, a questão de readaptação, da recriação do material oferecido e eu desenvolvi mais de um projeto, eu ampliei o que o Diálogos e Reflexões estava oferecendo... alguns artistas que eu poderia estar propondo, que eu achava interessante para a faixa etária que estava trabalhando. E eu desenvolvi mais projetos do que um, desenvolvi um de artes específico, que eu chamei de 'Pequenos artistas' ou 'Arte de crianças', e desenvolvi um que eu chamei de 'Sombra e luz', repetindo o nome do encontro lá... do Diálogos. E esses específicos de arte, mas eu usei a estrutura desses projetos para outros projetos, mostrando para eles, por exemplo, esses alunos que



eu atendi em 2003, eles entendem Monteiro Lobato como um artista, um artista escritor. E aí eles fizeram um projeto de leitura e escrita, envolvendo os personagens do Monteiro Lobato, e assim, sempre a gente criava um produto final, com uma finalidade de uma exposição. Então foi uma interferência que eu acredito que tenha vindo direto da possibilidade de eu ter ido nos Diálogos e Reflexões.

Erick: (Risos) 3 - Julga que ocorreram mudanças na sua maneira de enxergar a arte e seu ensino?

M. Lúcia: É, eu acho que acabei respondendo, né?! Acho que muitas mudanças, eu acho assim que foi... os alunos de 2004, eles estavam esperando, eles já sabiam, porque a sala de aula que eu tinha, eu tinha trinta e oito alunos, são muitos irmãos, então eles tinham irmãos em outras salas. E os alunos de 2004, os alunos de quinta série, de sexta, eles sempre iam visitar a minha sala, para ver o que eu estava fazendo, se eu estava propondo... e quando eu levei os alunos a duas das exposições, eu levei em 'Arthur Bispo do Rosário' e levei na 'Clarluz'... eu levei alunos de outras séries, as vagas que eu tinha disponíveis, foram concorridas (risos). Os outros alunos, de primeira a oitava, começaram a se interessar pelos trabalhos que eu fazia na minha sala. Foi muito interessante, divertido.

Erick: Você voltou a procurar o projeto no ano de 2004? Por que?

M. Lúcia: Bom, eu voltei porque eu achei muito interessante... eu tive a oportunidade de estar em mais dois encontros e aí, como eu comecei a atuar na sala de inclusão e os cursos oferecidos pela prefeitura eram aos sábados o dia inteiro, eu me vi impedida de continuar a freqüentar no final de 2004, mais assim, os dois últimos encontros, até a metade do ano eu conseguir estar freqüentando. E assim, o motivo é que... as possibilidades para a gente enriquecer o trabalho da gente são muito grandes, não era para se desperdiçar.

Erick: Algum comentário final?

M. Lúcia: Bom, eu acho que eu vou deixar aqui uma... em termos de montagem do Diálogos e Reflexões, que eu sei que continua, eu acho assim que, essa oportunidade que foi oferecida para os alunos, de serem, de visitar, através do transporte que o próprio Banco do Brasil oferecia, para a realidade de periferia do município de São Paulo é uma coisa assim muito, muito importante. Então, não sei em que moldes, o projeto continua, mas o alunos que eu tive a oportunidade de levar, eles nunca tinham saído da região de Perus, então uma das alunos me disse assim: "Pro, aqui tem uma caixinha que a gente entra e sobe". Quer dizer, sair de Perus, ir visitar o centro de São Paulo, poder ver obras que são importantes e que nem sempre os alunos tiveram a oportunidade de ver o valor que tem, eu acho assim que é fundamental. Então assim, a observação que eu tenho, porque assim, eu tive sérios problemas, a primeira vez que eu levei os alunos foi muito tranquilo, eu agendei tranquilamente, mas depois, foi estipulada uma quilometragem determinada, e Perus é limite, é divisa de Caieiras quase, mas é município de São Paulo. E aí eu tive que, assim, intervir numa série de procedimentos, mas ainda assim ficou difícil, porque ultrapassava a quilometragem permitida, então eu acho assim, principalmente escolas que estão mais no centro e que são mais privilegiadas, porque as famílias... estando mais no centros, elas são mais privilegiadas. As famílias acabam podendo se beneficiar do que a cidade oferece, do que o Banco do Brasil oferece... mas eu acho assim, nunca esquecer que a periferia é alguma coisa que merece atenção. A educação pública tem que atender, as políticas públicas devem atender a periferia, senão, todos estamos no mesmo barco e aí a gente acaba sendo prejudica se a periferia não tiver um conhecimento. E a outra questão, é uma questão de dentro da escola, mas foi uma questão que eu tenho ainda lutado por ela é que o produto final do trabalho de artes era uma produção em tela, uma tela pequenininha, que os alunos iam pintar, usando o que eles tivessem, eles podiam optar ou artistas que eles tinham ido visitar as obras ou... (tocou o telefone e Maria Lúcia teve que atender, para depois retornar à entrevista) O que aconteceu foi o seguinte, eles fizeram as telas e aí, a idéia de quando eu fiquei com a produção deles em mãos,

era uma produção assim tão singular, que eu caracterizo como uma produção muito importante e eu queria então fazer um livro para compor a biblioteca da escola, como uma doação. E eu não tive recursos para montar esse livro e até hoje eu estou na mesma escola e eles me perguntam “cadê o livro da gente”, que é o conjunto de telas que cada um fez. Então eu fico preocupada com isso, porque eles sabem, cada um levou a sua tela para casa, mas o conjunto de telas dava uma visão de tudo o que foi proposto e de tudo o que eles podiam fazer. Então, esses recursos que não chegam, que é uma coisa impeditiva às vezes da gente concluir um trabalho que eu acho que é de qualidade. Mas eu acho que é só isso.

Erick: Só isso?

M. Lúcia: Eu agradeço a oportunidade de estar comentando o que eu fiz, porque eu acho que quando a gente tem a oportunidade de divulgar gente pode estar estimulando (acabou um lado da fita e foi trocado para continuidade) Bom, retomando a questão de um comentário final, é, agradecer a oportunidade de estar falando um pouco sobre a minha experiência e com a intenção, inclusive, de que outros professores se estimulem a proceder de uma forma envolvente com os alunos e com as atividades que fazem, porque eu acho que depende da educação muito do que a gente pode desenvolver no nosso país. Acho que basicamente é isso.

Erick: Obrigado Maria Lúcia, por ajudar na minha pesquisa e também no projeto.

M. Lúcia: Eu é que tenho que agradecer a oportunidade de estar falando do trabalho. Obrigada.



Entrevista com Edna de Jesus**Professora de Arte****Data: 11 de dezembro de 2004****Erick:** Qual o seu nome?

Edna: Meu nome completo é Edna Maria Lima de Jesus, sou professora de arte, trabalho na rede pública, municipal e estadual. Eu tenho 54 anos e, dentro da escolha de trabalho... profissional, eu escolhi ser professora de arte porque eu acho que a importância de você trabalhar na educação, a arte faz a diferença. Por que faz a diferença? Porque o ser humano precisa desta arte, para ele estar movido a ser melhor do que ele já é. E, transportando esta responsabilidade de ser um ser humano melhor do que ele já é, eu acho que a criança precisa desse professor, precisa desse orientador, precisa desse educador, porque todo ser humano é um educador em potencial, mas ele precisa de uma escola, ele precisa de pessoas que o ajude. E quando você vai para dentro de uma sala de aula, você tem os seus professores normais, que são os das linguagens, que é português, história, geografia e ciências, todas as linguagens; mas eu vejo que a arte, ela está dentro de todo este contexto, como linguagem, como códigos, como símbolos, que faz referência à nossa vida. Então, desde o homem primitivo, que a gente aprendeu a ver... desde o homem primitivo, que a gente aprendeu a fazer a leitura dessa imagem, de ser um símbolo, que ele tateava dentro das cavernas para mostrar o seu caminho. Que caminho é esse, né? Aí ele desenhava, para ele saber se comunicar com esses códigos e se ele tivesse que retornar àquele momento, ele estaria vendo o seu desenho, a sua forma de expressão. Então eu achei assim, depois de alguns anos que eu voltei a estudar, eu quis fazer arte, porque eu queria ser uma advogada, mas eu acho que arte tinha um caminho mais amplo de vida, um caminho onde eu podia me relacionar melhor comigo, com minhas diferenças e depois eu fui escolher ser professora. Porque o ensinar, eu acho que eu não ensino, eu aprendo e quando eu aprendo, eu aprendo com todas as pessoas, inclusive com o Erick, que é uma pessoa assim que tem um conteúdo profundo na sua passividade, no seu olhar, que é uma coisa de... não é porque eu estou aqui fazendo esta entrevista, ele sabe disto, porque eu vejo a responsabilidade que ele tem com a arte. Então as pessoas que tem um compromisso muito sério com a arte, eu tenho uma afinidade muito grande, ele já me ajudou outras vezes com a escola, porque dentro do educativo onde ele trabalha eu aprendi muito e continuo aprendendo, porque como professora que aprende, eu nunca vou saber nada, eu vou estar sempre aprendendo. E mesmo com esse pouco tempo de vida que eu tenho, eu vejo assim que na expansão do nosso Brasil, que é muito jovem ainda, tem pouco de arte que ele aprendeu e eu acredito que para os anos mais vindouros, essa arte vai fazer presença no nosso país como... educação, como importância, né? E aí estão os mestrandos, estão os estudantes, que estão se voltando um mais para a arte e está assim se formando mais em arte, para que esta arte faça diferença, como eu já disse. Para que esta arte, nas linguagens do teatro, da música, da dança, das artes visuais, ela interaja, ela faça com que as pessoas saibam apreciar mais, não só fazer e contextualizar esta arte, mas ela saiba estar mais presente, que vá ouvir um concerto, que ela vá ver um filme, que ela vá ver uma pintura, uma exposição, que eu fico muito triste quando eu vejo os museus lotados e as pessoas passam como se estivessem vendo vitrine, eu acho que o museu não vitrine, eu acho que o museu é vida, é onde as pessoas vão buscar os artistas para conhecer na sua profundidade o que ele quis dizer, com uma obra figurativa ou abstrata ou colorida ou preto e branco, mas ele tinha que saber o que ele está vendo e não como vitrine em que se passa olhando uma roupa bonita. A arte é muito mais que isso, é a vida do artista, é a sua pesquisa de representação, é o guardar aquela referência que está ali dentro do museu, é o conhecimento, porque arte é conhecimento. E neste conhecimento ela é vida, ela faz parte, ela faz parte do indivíduo mesmo que ele não estude o que é arte, mas ela está inserida



neste contexto, e não é só como eu acabei de dizer, o Brasil é muito jovem, mas nos outros países onde a arte começou, que é a Grécia e Roma, que é o berço da beleza da arte, então quando ela chega aqui no Brasil, por a gente ter assim... uma taxa de que nós não somos muito evoluídos em conhecimento de arte, que eu não acredito nisto, mas algumas pessoas dizem né, que a gente não sabe fazer esta leitura. Mas eu acho que nós fazemos sim, porque está aí os campos da arte, se expandindo em todos os estados do Brasil e que o povo, mesmo não tendo uma linguagem, mesmo não tendo uma... um conhecimento de cultura, mas ele tem a sua cultura própria, que são os pífanos, que são as rendadeiras, que são... o Carnaval, que é uma coisa que as pessoas fazem como se fosse somente uma arte popular, e ela não é. O Carnaval é arte de vida, onde esse ser humano sai para a avenida, que ele se embeleza à vezes só para aquele momento, ele veste só aquela fantasia aquele momento, mas naquele momento ele está se vestindo de arte, ele está representando a sua origem para o seu povo, então eu vejo uma beleza assim profunda nos trabalhos culturais, folclóricos do Brasil. E o Brasil não tem só folclore, O Brasil não tem só Carnaval, o Brasil tem gravuras, o Brasil tem pinturas, o Brasil tem esculturas, o Brasil tem artistas maravilhosos que estão nos livros e estão no conhecimento de cada um.

Erick: Edna, eu vou seguir o roteiro previsto e como você fez uma fala abrangente, já tocando em uma série de questões que virão, em outras perguntas, se você julgar que já respondeu uma das questões, você ou só complementa ou diz não, isso já foi respondido em outro momento. Eu vou seguir. Qual a sua formação (acadêmica e outras)?

Edna: Formação acadêmica, eu me formei pela Faculdade de Arte Alcântara Machado, que é FMU, são três faculdades, essa é minha formação acadêmica. Eu fiz ikebana, que é uma arte oriental, eu estudei seis anos, depois de 81 até quase 2000 eu dei aula particular de ikebana, trabalhei no Instituto da Fundação Mokiti Okada durante oito anos, dando aula lá dentro... Os cursos que eu tenho feito, são dentro dos museus, nas ações educativas, aí eu participo aqui no CCBM desde 2000, 2002, que foi em junho, nas primeiras exposições, logo que abriu, acho que eu só perdi a primeira, que eu não participei da ação educativa; eu participo do MAM; do Centro Cultural, o Banco Itaú; o MAC, que o MAC foi a minha primeira instituição que eu comecei a fazer a ação educativa, estudar dentro da ação educativa do MAC, que é lá na USP, que me trouxe assim uma vontade, o MAC eu tenho uma paixão muito grande, porque eu acho que o MAC tem uma reserva técnica de arte brasileira excelente; a Bienal, algumas Bienais eu participei da ação educativa... Qual mais? Banco do Brasil, MAC... MASP, também, o MASP tem uma ação educativa; e vários outros que agora eu não estou me lembrando. Mas eu tenho esta vontade muito de estudar museus e a ação educativa me move a estar sempre presente, como eu já respondi na outra, na questão do... do orientador, da ação educativa, eu acho que eu aprendo muito com ele.

Erick: Alguma outra informação que você gostaria de comentar? Se houver.

Edna: Olha, eu acho que assim, a memória a gente desconfia... ela trai um pouco. Eu estudei muito, eu tenho estudado muito, mas assim formação de cursos, são os cursos que eu venho fazendo em arte mesmo. Eu estudei no centro cultural, que fechou aqui... da Cantareira, eu não me lembro... eu fiz escultura, que eu estudei escultura... no Liceu de Artes e Ofícios. Eu fiz escultura no Liceu de Artes e Ofícios por dois anos e fiz mais dois anos de cerâmica, como eu gosto de escultura muito, então na minha formação acadêmica eu sou especialista em artes visuais, e dentro das artes visuais eu me dediquei a escultura, então já trabalhei com pedra, com madeira, com argila, que é uma coisa que eu sinto que eu gosto muito... Tem mais curso, mas agora não lembro mais.

Erick: Descreva brevemente seu histórico profissional.

Edna: É, como eu já caminhei assim o que eu disse para você, a ikebana veio me mover a trabalhar com a arte do natural. Porque ikebana é uma arte japonesa, onde você trabalha com as flores, então isso fez com que eu fosse para as artes visuais, que é artes plásticas na época em que eu estudava.



Então, eu trabalhei esses oito anos que eu já mencionei na conversa, depois eu fui para algumas instituições particulares, como bancos, como academias e mesmo em casas particulares. Eu lembro que o último aluno era um juiz, eu digo era porque ele partiu para o mundo espiritual, e eu sentia que naquele juiz eu me realizei como professora, por eu estar ali humildemente servindo aquela pessoa tão bonita, tão bela que veio me pedir para eu dar aula de ikebana e eu sentia que ele se realizava em trabalhar naquele momento, que ele era um estudioso assim pela história do Brasil, assim como eu nunca vi em ninguém. E ele queria aprender ikebana e aprendeu e fazia arranjos assim maravilhosos, então isso foi uma presença muito grande dentro do trabalho artístico, porque ikebana é arte, a arte da natureza, você tira a planta da natureza e transporta para o vaso, em forma de arte, acho que você conhece o histórico da ikebana.

Erick: E como é o seu histórico profissional na rede, no caso?

Edna: Meu histórico profissional na rede é uma outra realização. Porque assim, eu para entrar para a sala de aula, eu não estudei para ser professora. Eu estudei porque eu queria uma formação universitária, porque eu já trabalhava na empresa, numa instituição privada e aí eu quis estudar para eu ter o meu diploma de universitária. E eu consegui este diploma, mas não com o intuito de dar aula. Quando eu me formei, eu fiz o estágio e aí os meus colegas disseram "vai para sala de aula que você vai gostar", logo no primeiro ano. Aí eu, "imagine, eu não estudei para ser professor, porque eu não tenho esse perfil". E aí eu pensando nesse histórico de querer ser professora... Como? Eu não tenho capacidade. Eu só trabalhei em empresa, como eu vou lidar com a criança numa sala de aula? E a situação foi me empurrando para que chegasse a ser professora. A primeira vez que eu senti que eu ia para dentro de uma sala de aula, eu fui para uma sétima série e eu tremi nas minhas bases. Eu até comentei com um professor meu, que era de folclore da faculdade: "eu estou indo para a sala de aula". Ele falou assim: "observe, que lá você vai encontrar os seus métodos". Então isso foi uma fala que eu guardo para a vida toda. Então cada aluno, por isso que eu digo que eu aprendo, cada aluno que eu passei por ele, por isso eu digo que o professor é aquele que passa e o aluno permanece. Então nesse histórico, desde 96 que eu estou dentro da sala de aula, eu me sinto assim muito grande, no sentido assim, o quanto que eu aprendi. E eu talvez tenha ensinado alguma coisa, mas o que eu tenha ensinado eu aprendi com eles mesmo. E o mais importante ainda que é a arte, então eu comecei de quinta a oitava, depois eu fui para o ensino médio, fui convidada algumas vezes para dar aula em faculdade, cheguei a dar algumas palestras, por conta de... que eu sempre me achei um pouco menos, eu tenho um problema de auto-estima muito grande e eu senti que eu sento nas salas de educativo e eu me solto. Mas eu me solto porque eu comecei a confiar mais no meu potencial de como eu posso estar me relacionado com as pessoas e estar mostrando assim do que eu conheço dos artistas, não tendo assim uma memória de estar fazendo citações, mas assim, como essa criança me deu essa garantia de que eu sou uma boa professora, como eles falam, e eu estou me sentindo agora depois de dez anos de sala de aula, que eu ainda não sou tudo isto, mas eu tenho assim potencial neste percurso, de que tudo que eu aprendi, que eu colecionei, que eu tenho uma bela coleção de catálogos, de livros de arte... Então assim, e esse ano que passou eu peguei, como na rede estadual abriu de primeira a quarta série, eu peguei os alunos de segunda, terceira e quarta série, que eu fiquei com medo ainda dos primeiros anos, que os primeiros anos são muito pequeninhos, então eu não sabia se eu ia conseguir levar a linguagem de arte para aqueles primeiros anos. Mas foi também outra experiência maravilhosa, porque a criança de segunda série, ela ainda não sabe falar direito, ela ainda não é alfabetizada, em arte menos ainda, criança que não sabe fazer a distinção de cores, o que é o azul, o que é o amarelo, o vermelho, que são as cores primárias. E nesta segunda série eu percebi como eu aprendi com aqueles pequeninhos, que é a criança de sete e oito anos. Terceira série eu percebi que eles começam a ser mais politizados, a quarta série então, eles se soltam. Então eu vejo assim a necessidade do professor saber a arte



como fundamentação, para poder convencer estas crianças de que eles precisam saber a linguagem da arte, para eles melhorarem como ser humano. Então hoje eu estou na rede pública estadual e na municipal, eu trabalho na municipal com ensino médio, mas peguei um grupo de EJA, que é jovens a adultos, que é outra referência para você trabalhar com arte, muito gratificante, porque eles não guardam na memória nada que eles aprenderam quando pequenos, porque o professor de arte da época era o polivalente, não se preocupava em ter uma linguagem de arte. E agora como estou como ATP dentro de uma diretoria, então meu percurso foi bem longo e rápido, pois eu vejo com dez anos de experiência, eu já estou dirigindo dentro de uma diretoria um grupo de arte muito grande e eu vejo que é muito difícil, porque a linguagem do professor ainda é muito primária em relação ao que a gente precisa aprender para ter uma linguagem efetiva para chegar ao aluno. Então o professor, como eu, eu fui buscando conhecimento para eu melhorar minha linguagem para fazer o aluno entender a arte como vida, como expressão, como conhecimento, então quando eu vi a minha dificuldade, eu vejo a dificuldade dos professores que estão na minha frente. Então este é o meu percurso e eu pretendo fazer um mestrado e até um doutorado, com uns oitenta aninhos aí, mas eu chego lá.

Erick: Edna, acredito que você já tenha respondido isto, mas qual disciplina ou em que área você leciona? Em qual Instituição? Para qual faixa etária e/ou público?

Edna: Eu leciono arte, que na grade chama educação artística, que ainda não mudou. Eu trabalho na instituição, que eu disse, eu trabalho agora numa diretoria, mas a minha escola onde eu tenho, onde eu comecei, onde eu tenho o meu registro é na Escola Estadual Armando Cestine, que fica num bairro de Caieiras, o bairro chama Jardim dos Eucaliptos e lá eu lecionei por dois anos para várias séries, de quinta a oitava, a ensino médio, que a noite tem o ensino médio e a tarde também. Agora na prefeitura também eu ensinei ensino médio, de primeiro até terceiro ano colegial... e o que você perguntou? E aonde né? Não, aonde eu já respondi.

Erick: Para qual faixa etária e/ou público?

Edna: A faixa etária são crianças desde sete anos, como eu coloquei para você, até vinte, trinta, eu tive um aluno no semestre passado que ele tinha só setenta e seis anos e tava na quinta série. E eu disse a ele que ele ia fazer uma faculdade e ele falou: "E a senhora acha?" Eu falei: "Eu não acho, eu tenho certeza!" E ele falou: "Eu também." Então, a faixa etária, acho que... não... tem várias, né?

Erick: Como tomou contato com o projeto Diálogos e Reflexões com Educadores, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo?

Edna: Olha, o Banco do Brasil foi assim, eu mesma... por mim mesma. Porque eu ouvia falar do CCBB, que não era aqui em São Paulo, tinha no Rio e eu lembro que o Paulo Portela me deu, em 2000, ele foi fazer um trabalho no Rio e ele ganhou uma pasta, que eu tenho, eu não me lembro agora, qual atividade que foi lá. Aí eu disse: "Ah, eu queria tanto participar também dos cursos que o Banco do Brasil promove, porque eles dão material educativo muito bom". Isso eu comentei com ele e acho, já no semestre seguinte, de 2002, vocês já tinham aberto a primeira exposição, só que eu não tive a oportunidade, que eu não me lembro, eu sei que foi 2002.

Erick: É... o CCBB abriu em 2001.

Edna: 2001? Então em 2002 eu não tive a oportunidade... porque 2001 abriu a instituição e 2002 abriu a ação educativa?!

Erick: É, na verdade, tem desde o início, mas você só tomou contato em 2002?!

Edna: Só tomei contato em 2002, por conta do presente do Paulo. E aí eu comecei, aí eu me interessei, conheci o grupo, conheci a Rejane, que ela já como coordenadora e você também Erick, você estava no começo também? É, você também. Então, eu tomei conhecimento por esse caminho, que foi o material que eu ganhei e aí eu fiquei atenta e quando abriu o banco, se o banco já tinha aberto a ação educativa, aí eu senti que podia estar participando. Por conta também, eu vejo que

uma coisa importante que instituição faz é abrir para os professores das escolas públicas e particulares, sem distinção, e o material de apoio também que é muito importante.

Erick: Você teve a oportunidade de participar dos cinco (05) diferentes encontros do projeto no ano de 2003? O que movia o seu interesse para freqüentar? Caso não tenha participado de todos, qual o motivo?

Edna: Eu tive a felicidade de em 2003 ter participado, por conta de que eu não tinha assumido outros compromissos aos sábados. Primeiro, a importância de ser aos sábados, que a gente que trabalha durante a semana e não tem a oportunidade de estar fazendo os cursos e o que me moveu, como eu já te coloquei, a importância do material que vocês tem em relação às exposições, porque é um material colhido bem favorável, não sei se favorável é a palavra, mas assim, a facilidade que tem de compreensão para você passar para o aluno. Se você vem buscar um aprendizado nesta instituição, que é o Banco do Brasil, e você leva para o aluno para a multiplicação, que é o meu caso. Então quando eu passo, talvez eu não passei todos, porque eu não tive a oportunidade, porque eu já estava na diretoria, mas eu estava na prefeitura, então eu passava da minha maneira para os adolescentes, porque aí eu trabalhava com ensino médio e eu passava para eles da forma com que eu tinha... mostrava os cartões, que eram as reproduções das obras de arte e fazia a intermediação para o diálogo, a reflexão do diálogo com as obras. Eu freqüentei todos, em 2003, eu consegui.

Erick: Você veio aos encontros sozinha ou acompanhando de um(a) ou mais colega(s) de profissão?

Edna: Sempre eu vim acompanhada, porque eu acho que não pode vir sozinha, por que assim, é muito conhecimento, é muito importante essa ação educativa para eu vir sozinha. Eu gostaria muito de ter vindo com todos os professores com quem eu contatei, eu convidei, mas eu sempre vim acompanhada.

Erick: Eram todos colegas de trabalho?

Edna: Em maioria sim, somente um que não, que era um aluno, mas ele vinha como, com toda a atenção para ele participar.

Erick: Isto possibilitou conversas, trocas e ressonâncias em seus trabalhos?

Edna: Sim, muito porque assim, nós sempre vimos assim, a qualidade do material, o diálogos com essas obras, quando a gente estava com os professores-monitores, dentro da ação, você tinha um diálogo, quando você vai dialogar com o aluno, você muda também um pouco esse diálogo, porque quando você está com professor é uma forma, quando você vai para o aluno é outra, então você faz essa troca entre os professores, com os colegas. Então a gente amplia, troca, tem referências maiores, né?

Erick: Como você avalia **criticamente** o projeto?

1 - Como educadora participante;

Edna: Eu acho que criticamente...

Erick: Lembrando que **criticamente** não falar bem, nem falar mal, mas reconhecer as questões...

Edna: Então, criticamente eu vejo assim, como eu já falei na fala anterior, é...

Erick: Se tiver que falar mal, pode falar mal. Não precisa fazer nenhuma apologia.

Edna: Não, não tenho referência, quanto à ação educativa, de jeito nenhum, porque assim... muito pelo contrário, eu valorizo e assino a forma com que é trabalhado. Primeiro, não é repetido sempre o mesmo orientador, educador profissional, que vem aqui dar as ações, isso já muda o foco, porque quando você está trabalhando como educador você quer que o outro, que mude o professor, eu acho que a forma de conhecimento é você ouvir as outras pessoas. Então teve vários em 2003 que eu conheci diferentes e por isso que ampliou o repertório de trabalho, então eu acho que é só positivo o reconhecimento.

Erick: 2 - Acredito que você já tenha respondido isto, mas com relação à dinâmica dos encontros;



Edna: As dinâmicas também, porque o fato de você estar fazendo, vindo em transparência e o diálogo primeiro, que é uma pequena palestra, antes quem fazia... em 2000 acho que quem fazia as aberturas foi mais a Rejane, então ela dentro do conhecimento de arte como é profundo, ela sempre fez aquela abertura e passou para o educador que dar continuidade. Então isto também foi de grande importância, que a professora fazia a abertura, a professora Rejane, passava para o educador que ia dar continuidade à visita; a forma com que utilizava as transparências; o roteiro, que eu achei importantíssimo, que eu tenho um roteiro guardado que foi até o Erick, que foi você que me deu, com os nomes das pesquisas que você fez, que você colocou uma linha de tempo, com nome de artistas, os períodos, como este artista se relacionava com a aquela obra, então para mim foi assim uma aula excelente. Então este material, o percurso educativo, não sei se tem que falar...

Erick: 3 – Bem, acho que isto entra na próxima questão, com relação aos conteúdos trabalhados e a interlocução com as exposições;

Edna: Também... eu me lembro assim, que quando você faz o percurso educativo, que você vai em cada obra, para você fazer o diálogo com as obras, sempre... eu nunca fiquei sem resposta. Eu sempre tive assim, as interações, porque eu questiono, eu acho até que eu sou muito perguntadora, na questão de "por que é isso?", "por que o artista...", sempre a investigação e sempre o monitor, eu não digo o monitor, digo o educador que estava ali presente, me atendia. Nunca me deixou sem um retorno.

Erick: 4 - Com relação ao material gráfico oferecido, incluindo conteúdo e formato;

Edna: A única coisa que eu acho é que o formato é muito pequeno, mas o conteúdo é excelente. Porque diz que nos pequenos frascos é que estão as grandes... (risos) os grandes perfumes. Então eu vejo assim, pequeno por causa da manipulação, de tamanho, porque eu lembro que eu fiquei muito triste que um aluno amassou, porque sempre que eu ofereço o meu material, eu falo: "Olha, todo o meu material é uma obra de arte. Eu não consigo comprar uma obra de arte original, mas eu ganho nas ações educativas um material. E esse material eu ganhei, porque eu participei, eu gostaria que você destruísse, por que eu vou passar para outra sala, eu não tenho só essa sala..." e explico porque tem que tomar cuidado. E um menino, muito zangado, amassou uma obra que eu tinha ganho, no material. Eu acho que se o material fosse um pouquinho maior, para a gente manipular, eu acho que é a única coisa que eu acho que... é o material gráfico podia ser maior.

Erick: Bem, ainda algum outro comentário? Em relação à estas questões que a gente estava discutindo agora?

Edna: É, quanto à ação de... o material gráfico, eu já falei, o tamanho foi pequeno, é pequeno, porque, para caber na pasta que vocês entregam, eu acho que fica o resumo, o conteúdo é bom, é bem simplificado mas tem objetivo, e eu só disse do tamanho por conta de manipulação, quando você manipula, se é muito pequeno, ele suja, ele rasga com facilidade. Quanto ao percurso... da ação, eu acho que... Ah, uma coisa que eu acho importante também, quando fossemos para o espaço expositivo, isso é uma sugestão, levasse para tomar prático, porque às vezes a gente tem na sala pessoas que não são ligadas à educação. Então para a gente interagir, eu acho que esse material podia estar sendo levado, para a gente questionar, que é uma forma de aprender mais. Porque é um material importante, o material gráfico, porque está impresso ali algumas obras, vocês escolhem quatro obras e essas quatro são bem escolhidas, pois é um grupo de educadores que escolheram para reproduzir. Então acho que podia acrescentar nessa ação que vocês... na visita.

Erick: Tendo em vista o próprio nome do projeto, quais os diálogos e reflexões os encontros provocaram, ampliaram e ou potencializaram em você?

Edna: Eu lembro assim, que a exposição da pele, "Pele, alma", que foi umas das, acho que foi a primeira que foi em 2003. Ali, eu percebi o quanto que ampliou o meu repertório de diálogo, por conta de ter um grupo grande, participando do encontro que eu estava e como deu para refletir, no diálogo

do material, das reflexões, para eu ampliar o meu repertório de conversa, com a obra e com os colegas, e comigo mesma. Porque eu estou sempre assim, buscando conhecimento, para melhorar o meu repertório, na sala de aula e mesmo agora com os professores. Então eu vi que nas exposições que estive presente, até agora inclusive, eu tive esta preocupação, de refletir para eu poder interagir com esse diálogo e estar fazendo as observações para acrescentar. Então é bem pertinente o nome do estudo que vocês promovem.

Erick: Em função da experiência vivida nos encontros de 2003:

1 - Qual foi o reflexo direto em seu trabalho em sala de aula?

Edna: Primeiro não foi muito positivo, porque ensino médio, eles são muito questionadores, mas quando eu comecei a aprofundar a importância deste entendimento, porque era uma ação presente, uma exposição do momento e eu tinha o material pronto. Eu não estava trazendo Picasso, nem Van Gogh, nem Di Cavalcanti, nem Portinari, eu estava trazendo um material que estava acabando de sair de uma ação educativa e aí eles estranharam. Mas depois eu falava desta importância e mostrava como que era... como alguns deles poderiam estar dialogando com aquele momento, fazendo uma ligação com as obras. Então achei que foi... num primeiro momento um estranhamento, mas depois uma aceitação muito boa.

Erick: 2 - Fez uso e/ou adaptação e/ou recriação do material oferecido (incluindo conteúdo e imagens)? Desenvolveu um ou mais projetos em sala de aula?

Edna: Olha, desenvolver o projeto, a gente tem um tempo muito limitado, porque a grade é duas aulas por semana, mas eu usei as imagens. Isso, eu usei as imagens e aí eu não tive a oportunidade de ampliar, no sentido de reprodução, mas ampliei no sentido de leitura. Aí pegar outras obras e fazer a leitura, com a própria produção do aluno, aí que teve uma expansão, mas assim reproduzir, eu não cheguei a reproduzir outro material não. Mas tive vontade, porque se eu tivesse mais tempo e por conta também do planejamento, que você já tem o planejamento dentro da escola, você tem uma preocupação de querer cumprir isto... Mas hoje eu já penso diferente, eu acho que dá para ampliar, uma vez que o banco deixa, a ação deixa você fazer isto, por conta da reflexão, mas naquele momento...

Erick: 3 - Julga que ocorreram mudanças na sua maneira de enxergar a arte e seu ensino?

Edna: Ah, muito. Como eu te falei na fala anterior, eu mudei muito, quanto à minha criatividade, a minha crítica em relação ao conhecimento e o repertório mesmo... em arte, em todas as ações tanto da sala de aula quanto na minha própria, porque eu sou uma questionadora, uma estudiosa em potencial.

Erick: Você voltou a procurar o projeto no ano de 2004? Por que?

Edna: Como eu já disse, é muito importante para eu estar presente nestas ações. A primeira exposição de 2004 eu chorei porque eu não pude participar, eu coloquei numa avaliação ali, porque a pessoa que me atendeu não entendia a minha necessidade de fazer o curso África, por conta das minhas origens, por conta da exposição lindíssima que eu já tinha vindo apreciar duas vezes, eu queria fazer, mas não teve oportunidade, eu não ultrapassei as minhas barreiras, mas da próxima vez eu vou ultrapassar. E eu já participei do segundo encontro, que foi o do Nuno e estou aqui hoje, que eu participei do terceiro. Então esse ano, eu voltei e quero continuar em 2005, 2006, até eu ficar bem velhinha.

Erick: Então, você retornou em 2004 por que?

Edna: Por conta dessa importância que eu disse para você. Porque arte como conhecimento, faz parte de mim e ação educativa é importante, eu nunca vou deixar de achar que essa ação educativa, do CCBB e de outras instituições, que eu possa estar participando, ela não tem um valor maior, ela sempre é um valor maior. E eu vejo assim que o banco está expandindo em divulgação, porque eu acho que tem que ter uma divulgação maior, para poder atingir o maior número de professores. Então



eu voltei a procurar e vou voltar em 2005, mesmo eu estando estudando aos sábados, que eu tenho esta proposta, eu estudo só aos sábados, mas eu sempre vou procurar num dos sábados estar fazendo a... participando desta ação.

Erick: Algum comentário final?

Edna: É... aí vai ser direcionado a você, embora você é uma pessoa muito simples, no sentido que não gosta de elogio, não gosta que faz uma referência pessoal, mas você sabe que é muito sincero. E assim, por você ser muito jovem, que eu vejo assim a juventude na sua forma física, mas um sábio já no seu mental, por você ter escolhido a arte. E nessa linguagem da arte, eu sinto que você vai assim progredir muito mais, do que já progrediu, já caminhou muitos passos e quando você chegar a uma idade bem mais avançada, você vai lembrar que uma professora muito simples, mas que amou muito o momento em que você falou "olha Edna, eu escolhi você para essa entrevista", que você vai saber que... medir nas minhas palavras o quanto de verdade tem que eu gosto de arte. E arte é vida e conhecimento e vai fazer você muito feliz.

Erick: Obrigado Edna, eu só posso agradecer ao seu carinho e a ter aceitado participar desta entrevista para minha pesquisa de mestrado.

Edna: E boa sorte, que você seja um doutor em arte e que você tenha um proposto de vida com esse seu mestrado, você vai ser um doutor que eu tenho certeza, porque mestre é muito pouco, você tem que ser doutor. E possa estar trabalhando com a sala de aula e com essas ações educativas dentro dos museus, que eu acho que é de fundamental importância para o nosso Brasil que é tão jovem em arte. Obrigado mais uma vez pela emoção de estar aqui.

Erick: Obrigado você, Edna.



